

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” –  
UNESP – FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS**

**GISCELI ALESSANDRA SOUZA ALMEIDA AZEVEDO**

**AS FÁBULAS E O TRABALHO COM ORALIDADE E LETRAMENTO EM  
SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DA OBRA DE  
SÉRGIO CAPPARELLI**

**ASSIS - SP  
2025**

**GISCELI ALESSANDRA SOUZA ALMEIDA AZEVEDO**

**AS FÁBULAS E O TRABALHO COM ORALIDADE E LETRAMENTO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DA OBRA DE SÉRGIO CAPPARELLI**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras – Área: Linguagens e Letramentos

**ASSIS - SP  
2025**

A904f

Azevedo, Gisceli Alessandra Souza Almeida

As fábulas e o trabalho com oralidade e letramento em sala de aula: uma proposta didática a partir da obra de Sérgio Caparelli / Gisceli Alessandra Souza Almeida Azevedo. – Assis, 2025

111 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientadora: Rosângela Nogarini Hilário

1. Fábula. 2. Oralidade. 3. Letramento. I. Título.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GISCELI ALESSANDRA SOUZA ALMEIDA AZEVEDO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.**

Aos 30 dias do mês de abril do ano de 2025, às 14h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de GISCELI ALESSANDRA SOUZA ALMEIDA AZEVEDO, intitulada **AS FÁBULAS E O TRABALHO COM ORALIDADE E LETRAMENTO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DA OBRA DE SÉRGIO CAPARELLI**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. ROSÂNGELA NOGARINI HILÁRIO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. ODILON HELOU FLEURY CURADO (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. MARLETE SANDRA DIEDRICH (Participação Virtual) do(a) Universidade de Passo Fundo (UPF). Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ROSÂNGELA NOGARINI HILÁRIO



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pela luz que norteia o meu ser e pela oportunidade de seguir suas verdades com o propósito de aquisição de mais uma habilidade acadêmica.

Agradeço também ao meu esposo, Ronaldo, pela oportunidade de me ver crescer profissional, social e emocionalmente, pois amo ser professora e me capacitar sempre frente aos desafios que a sociedade requer.

Aos meus três filhos que são a razão de tudo: Raul, Roberto e Raquel, meus brilhantes preciosos, que se uniram um cuidando e ajudando o outro.

Minha gratidão a toda família, mas principalmente aos meus pais: ao meu pai, Geraldo (in memoriam), que garantiu o apoio financeiro para minha jornada, desde a inscrição até as despesas diárias que me permitiram frequentar e realizar o sonho de concluir o Mestrado; e à minha mãe, Maria Lúcia, pós-graduada em Psicopedagogia, que, desde muito cedo, me inspirou a ser educadora, sempre com grande estudo e comprometimento em tudo o que faço.

A toda a equipe escolar onde trabalho e fiz estágio e aos amigos pelo incentivo profissional, equidade, ninguém para trás. Não posso deixar de agradecer às minhas amigas de viagem, que foram meu porto seguro no transporte à UNESP-Assis, nas aulas presenciais.

Agradeço à minha orientadora, Rosângela Nogarini Hilário, pela partilha do conhecimento, do saber e das estratégias que fizeram diferença positiva em minha vida. Sou imensamente grata a todos os educadores e educadoras da Instituição e do Mestrado. A empatia, o afeto e os esforços de vocês foram fundamentais para me acolher como aluna e para reconhecer meus pré-requisitos (obtidos na Unesp-Mestrado). Essa dedicação possibilitou a realização do meu grande sonho. O que antes era apenas uma expectativa, agora se tornou uma verdadeira realidade para mim

Aos amigos de turma, pela generosidade, acolhida e partilha de saberes, pela superação da permanência firme e forte no curso, diante das dificuldades encontradas, como a perda de visão da minha filha com 13 anos por descolamento da retina ocular, após três cirurgias mal sucedidas.

Agradecimentos e confiança de não ficar no obsoleto e aprimorar sempre, modelizando também o estudo dos meus filhos e uma vida.

“As universidades serão o que são suas bibliotecas”

(Gelfand, 1968, p. 19, tradução nossa).

AZEVEDO, Gisceli Alessandra Souza Almeida. As fábulas e o trabalho com oralidade e letramento em sala de aula: uma proposta didática a partir da obra de Sérgio Capparelli 2025. 99 f. (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2025.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar uma proposta de trabalho com a oralidade e o letramento a partir da obra *30 fábulas contemporâneas para crianças*, de autoria de Sérgio Capparelli (2021), um escritor brasileiro conhecido por recriar fábulas tradicionais. Partimos do pressuposto de que o contato com fábulas em diferentes versões, especialmente a partir da leitura e reescrita motivada pela obra de Capparelli, pode levar os educandos a interpretar e perceber novas possibilidades, promovendo um novo aprender a aprender. Para isto, baseamo-nos, especialmente, no conceito de gêneros discursivos (Bakhtin, 2003) e nas orientações de Schneuwly e Dolz (2001) sobre Sequência Didática, fazendo as adaptações necessárias para o desenvolvimento dessa pesquisa. Objetivando estimular o interesse por ouvir, narrar, ler e escrever histórias, buscamos apresentar essas histórias de forma divertida e crítica, colaborando para a formação de leitores aptos a interpretar e produzir textos de forma autoral. A pesquisa-ação empregou, ainda, uma metodologia de natureza bibliográfica e analítica e foi realizada com 19 alunos de 5º ano de uma escola municipal localizada no interior de São Paulo, que produziram, ao final da proposta, uma reescrita da fábula *A cigarra e a formiga*. Espera-se que essa pesquisa possa contribuir para o desenvolvimento das habilidades e competências que estão relacionadas à oralidade e ao letramento.

**Palavras-chave:** fábula; oralidade; letramento.

AZEVEDO, Gisceli Alessandra Souza Almeida. As fábulas e o trabalho com oralidade e letramento em sala de aula: uma proposta didática a partir da obra de Sérgio Capparelli. 2025. 99 f. (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2025.

### **ABSTRACT**

This research was based on the analysis of fables as pedagogical tools for the development of oral skills and literacy, based on the work of Sérgio Capparelli, a Brazilian writer known for recreating traditional fables, author of the book; 30 Contemporary Fables for Children. We assume that contact with fables in different versions, especially through reading and rewriting motivated by Capparelli's work, can lead students to interpret and perceive new possibilities, promoting a new way of learning how to learn. To this end, we based ourselves especially on the concept of discursive genres (Bakhtin, 2003) and on the guidelines of Schneuwly and Dolz (2001) on Didactic Sequence, making the necessary adaptations for the development of this research. The aim was to foster interest in listening to, narrating, reading and writing stories, presenting them in a fun and creative way, helping to develop readers who are able to interpret and produce texts in an authorial manner. The action research employed a bibliographic and analytical methodology and was carried out with 19 5th grade students from a municipal school located in the interior of São Paulo, who produced, at the end of the proposal, a rewrite of the fable The Grasshopper and the Ant. It is expected that this research can contribute to the development of skills and competencies related to orality and literacy.

Keywords: fable; orality; literacy.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Escola onde foi realizada a pesquisa.....	36
<b>Figura 2:</b> Fábulas para leitura.....	37
<b>Figura 3:</b> Fábulas para leitura.....	38
<b>Figura 4:</b> Fábulas para leitura.....	38
<b>Figura 5:</b> Fábulas para leitura.....	38
<b>Figura 6:</b> Fábulas para leitura.....	39
<b>Figura 7:</b> Fábulas para leitura.....	39
<b>Figura 8:</b> Fábulas para leitura.....	39
<b>Figura 9:</b> Fábulas para leitura.....	40
<b>Figura 10:</b> Estudando as fábulas.....	44
<b>Figura 11:</b> Entrando em contato com as fábulas.....	45
<b>Figura 12:</b> Entrando em contato com as fábulas.....	46
<b>Figura 13:</b> Entrando em contato com as fábulas.....	46
<b>Figura 14:</b> Entrando em contato com as fábulas.....	47
<b>Figura 15:</b> Entrando em contato com as fábulas.....	47
<b>Figura 16:</b> Os alunos (suas identidades preservadas) .....	48
<b>Figura 17:</b> O aluno e a fábula.....	49
<b>Figura 18:</b> O aluno e a fábula.....	49
<b>Figura 19:</b> A aluna e a fábula.....	50
<b>Figura 20:</b> A reescrita como produto final.....	51
<b>Figura 21:</b> A reescrita como produto final.....	52
<b>Figura 22:</b> A reescrita como produto final.....	54
<b>Figura 23:</b> A reescrita como produto final.....	55
<b>Figura 24:</b> A reescrita como produto final.....	56
<b>Figura 25:</b> A reescrita como produto final.....	56
<b>Figura 26:</b> A reescrita como produto final.....	57
<b>Figura 27:</b> A reescrita como produto final.....	57
<b>Figura 28:</b> A reescrita como produto final.....	58
<b>Figura 29:</b> A reescrita como produto final.....	58
<b>Figura 30:</b> A reescrita como produto final.....	58
<b>Figura 31:</b> A reescrita como produto final.....	59
<b>Figura 32:</b> A reescrita como produto final.....	61

<b>Figura 33:</b> A reescrita como produto final.....	63
<b>Figura 34:</b> Leitura do livro.....	67
<b>Figura 35:</b> Reescrita final.....	82
<b>Figura 36:</b> Reescrita final.....	83
<b>Figura 37:</b> Reescrita final.....	84
<b>Figura 38:</b> Reescrita final.....	85
<b>Figura 39:</b> Reescrita final.....	86
<b>Figura 40:</b> Reescrita final.....	87
<b>Figura 41:</b> Reescrita final.....	88
<b>Figura 42:</b> Reescrita final.....	89
<b>Figura 43:</b> Reescrita fina.....	90
<b>Figura 44:</b> Reescrita final.....	91
<b>Figura 45:</b> Reescrita final.....	92
<b>Figura 46:</b> Reescrita final.....	93
<b>Figura 47:</b> Reescrita final.....	94
<b>Figura 48:</b> Reescrita final.....	95
<b>Figura 49:</b> Reescrita final.....	96
<b>Figura 50:</b> Reescrita final.....	97
<b>Figura 51:</b> Reescrita final.....	98
<b>Figura 52:</b> Reescrita final.....	99
<b>Figura 53:</b> Reescrita final.....	100
<b>Figura 54:</b> Reescrita final.....	101
<b>Figura 55:</b> Reescrita final.....	102
<b>Figura 56:</b> Reescrita final.....	103
<b>Figura 57:</b> Reescrita final.....	104
<b>Figura 58:</b> Reescrita final.....	105
<b>Figura 59:</b> Reescrita final.....	106
<b>Figura 60:</b> Reescrita final.....	107
<b>Figura 61:</b> Reescrita final.....	108
<b>Figura 62:</b> Reescrita final.....	109

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	11
2. REFLEXÕES TEÓRICAS IMPORTANTES PARA UMA PROPOSTA DE TRABALHO A PARTIR DAS FÁBULAS.....	15
2.1 Conceituação de gêneros do discurso segundo Bakhtin .....	15
2.2 Especificidades da fábula enquanto gênero textual/discursivo e do trabalho com esses textos em sala de aula .....	18
2.2.1 A releitura das fábulas de Esopo por Sérgio Caparelli.....	23
2.3 Oralidade, letramento e a produção textual na escola.....	26
3. METODOLOGIA.....	34
3.1 Natureza da pesquisa (pesquisa-ação) .....	34
3.2 Dados.....	35
3.3 Relato das atividades realizadas para a pesquisa .....	36
3.4 Uma proposta didática para o trabalho com fábulas.....	43
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	60
5. RESULTADOS .....	74
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	76
REFERÊNCIAS .....	78
ANEXOS .....	82

## 1. INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, impulsionado pela informação, o domínio de diversas linguagens é imprescindível. O indivíduo necessita desenvolver oralidade e letramento para comunicar-se eficazmente, argumentar de forma pertinente e promover a interação; aspectos esses que serão detalhados mais adiante.

Dentre as múltiplas funções da leitura, o educador deve buscar fomentar o autoconhecimento e a reflexão nos alunos, e o trabalho com fábulas pode ser uma ferramenta lúdica para o desenvolvimento da oralidade e do letramento. A fábula, um dos gêneros mais antigos, possui características intrínsecas que contribuem para que se alcance esse objetivo.

Segundo Silva (2017), a fábula possibilita a criação de narrativas ficcionais que incorporam elementos culturais comuns, proporcionando momentos de humor, reflexão e crítica, ressaltados pela moral da história.

O acervo de fábulas é vasto e atemporal, abrangendo desde as obras esopianas (fábulas atribuídas a Esopo, contador de histórias da Grécia Antiga que teria vivido no século VI a.C.) até produções contemporâneas. Apesar da diversidade, todas exploram temas cotidianos, o que permite uma análise comparativa entre abordagens clássicas e atuais, além da proposição de adaptações para questões contemporâneas. Nesse contexto, as obras de Esopo se destacam pelo seu valor literário, moral, pedagógico e cultural.

Este trabalho discutirá as particularidades do gênero fábula que justificam sua aplicação em projetos educacionais voltados à formação reflexiva de jovens leitores, conforme apontam Bulhões e Ferreira (2021).

O estudo de fábulas em sala de aula oferece diversas oportunidades para o desenvolvimento da oralidade por meio de atividades como narrativas, recontagens, dramatizações, debates sobre dilemas morais e criação de novas histórias orais. Essas práticas enriquecem o vocabulário, aprimoram a fluência verbal, organizam o pensamento e desenvolvem a capacidade de argumentação.

O engajamento proporcionado pelas fábulas facilita a análise de sua estrutura textual, a identificação dos elementos narrativos e a compreensão da função social do gênero, contribuindo para a ampliação das habilidades de leitura e escrita dos alunos. A leitura comparativa de diferentes versões de uma mesma fábula, a identificação de

variações linguísticas e a produção de recontos escritos fortalecem o letramento em suas diversas dimensões.

As fábulas persistem através do tempo, mantendo sua relevância moral para temas cotidianos. Elas se adaptam às necessidades atuais e geralmente são narrativas curtas com uma linguagem simples e direta, o que facilita a compreensão do leitor. Assim, cumprem sua função primordial: despertar o gosto pela leitura.

Para que possamos compreender a importância do ensino da oralidade e do letramento tanto no ambiente escolar quanto nos diversos contextos sociais de interação, recorreremos aos estudos de Capparelli (2021).

O autor ressalta a oralidade como um ponto de partida eficaz para o desenvolvimento da reflexão sobre a língua, por ser mais próxima da experiência do educando e, assim, promover interações significativas.

A formação de leitores reflexivos representa um desafio para a prática docente contemporânea. A funcionalidade da leitura e sua ligação direta com a formação do senso crítico, avaliativo e, fundamentalmente, autocrítico e auto avaliativo são temas amplamente discutidos.

O objetivo primordial de todo educador, entre outros, deve ser formar leitores competentes, capazes de interpretar, contextualizar e reconhecer seu papel ativo na sociedade. Nesse sentido, propõe-se um estudo contextual das obras de Esopo para analisar sua comunicabilidade com o leitor atual e a viabilidade de adaptar fábulas clássicas às demandas contemporâneas por meio da reflexão.

Serão consideradas as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1998) e do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (Brasil, 1998) de Língua Portuguesa, bem como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), documentos normativos do Ministério da Educação.

A BNCC (Brasil, 2018) enfatiza a oralidade como objeto de conhecimento no ambiente escolar, abrangendo suas características, usos e diferenças em relação à escrita, além do desenvolvimento de habilidades em situações formais e informais.

Assim, é essencial que, nos anos iniciais, os alunos sejam estimulados a pensar, expor ideias, socializar, expressar sentimentos, argumentar e discutir. Schneuwly e Dolz (2011) destacam que, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, os professores consolidam usos informais da linguagem e introduzem novos usos relacionados ao contexto específico da sala de aula, permitindo que o aluno aprenda

de forma lúdica. Nesse contexto, as fábulas podem, inclusive, ser utilizadas como ferramentas para torná-los locutores ativos.

Para esta proposta, a escolha da obra de Sérgio Capparelli se justifica por sua sensibilidade e criatividade na releitura de fábulas clássicas. Suas adaptações, marcadas pelo humor, ironia e linguagem acessível, aproximam o gênero do universo infantil, tornando a leitura mais prazerosa e significativa. A análise das características da obra de Capparelli e das novas perspectivas que ela oferece sobre as fábulas tradicionais enriquecerá a reflexão e a elaboração dessa pesquisa-ação.

Diante do exposto, esta pesquisa investigará como a abordagem educacional das fábulas, com ênfase na obra de Sérgio Capparelli, pode auxiliar no desenvolvimento da oralidade e na melhoria do letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O objetivo principal desta pesquisa é, portanto, desenvolver uma proposta educacional sólida e teoricamente fundamentada, oferecendo aos educadores recursos práticos para o trabalho com o gênero fábula em sala de aula, visando formar leitores e produtores de texto mais competentes e críticos.

Para alcançar esse objetivo, realizamos uma pesquisa-ação com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal localizada no interior do estado de São Paulo. Nessa pesquisa, desenvolvemos atividades de leitura e interpretação do gênero fábula para verificar sua funcionalidade na formação de leitores reflexivos.

Para apresentar os resultados desta pesquisa, a dissertação está estruturada da seguinte forma: Introdução (contextualização, justificativa e objetivos); Capítulo 2 (importância da oralidade, especificidades da fábula e releitura das fábulas de Esopo por Sérgio Capparelli); Capítulo 3 (metodologia); e Considerações Finais.

No Capítulo 2, será discutida a relevância da oralidade e da fábula (sob a perspectiva de Bakhtin, 2003) como elementos cruciais para o desenvolvimento da língua oral e da capacidade de argumentação nas séries iniciais. O Capítulo 3 detalhará a metodologia da pesquisa-ação, apresentando a análise e a discussão dos dados coletados. O Capítulo 4 abordará a proposta didática desenvolvida a partir do trabalho com a fábula "A Cigarra e a Formiga", analisando sua aplicação prática. Por fim, serão apresentados os resultados alcançados com esta pesquisa-ação.

Na intenção de aprofundar a abordagem teórica, nosso referencial encontra respaldo nos trabalhos de Marcuschi (2005; 2007; 2008; 2010); Bakhtin (2003; 2006);

Schneuwly e Dolz (2011) e Vanda Maria Elias (2018), Fávero (2005), Milanez (2005), Ribeiro (2009), Castilho (1990; 2018), Bagno (2002), entre outros.

Esses autores são importantes por suas pesquisas sobre os gêneros textuais na escola e o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos. Suas obras oferecem um olhar pedagógico sobre como trabalhar com diferentes gêneros em sala de aula para promover o desenvolvimento da oralidade e da escrita, fornecendo subsídios para a elaboração da proposta didática com as fábulas. A articulação das ideias desses autores permite construir um arcabouço teórico robusto que fundamenta a análise das fábulas como ferramentas pedagógicas para o desenvolvimento da oralidade e do letramento, considerando tanto as características intrínsecas do gênero quanto as perspectivas teóricas da linguística textual, da sociolinguística e dos estudos do discurso.

## **2 REFLEXÕES TEÓRICAS IMPORTANTES PARA UMA PROPOSTA DE TRABALHO A PARTIR DAS FÁBULAS**

Neste capítulo, vamos tratar de questões relacionadas ao gênero fábula, um dos gêneros literários mais antigos da humanidade. As fábulas possuem traços que favorecem o aprimoramento da oralidade e do letramento. Com uma tradição oral vasta e uma moralidade inserida em seu enredo, essas histórias têm se revelado um importante recurso no ambiente educacional, principalmente no que tange ao desenvolvimento da fala e da leitura em sala de aula.

O gênero fábula é uma ferramenta pedagógica eficaz para o trabalho em sala de aula. Ele capacita as crianças no desenvolvimento da linguagem escrita, da oralidade e da leitura da língua portuguesa.

Assim, as fábulas incentivam a criatividade e a busca por conhecimento, ao mesmo tempo em que permitem explorar valores e sentimentos presentes no cotidiano dos alunos.

### **2.1 Conceituação de gêneros do discurso segundo Bakhtin**

Os estudos referentes ao gênero discursivo existem desde a Antiguidade, tendo seu início na retórica clássica. Suas origens jurídicas e literárias foram sistematizadas pelos gregos e consolidadas pelos romanos.

Desse modo, embora o estudo dos gêneros seja tradicionalmente explorado na teoria literária, sua introdução nos estudos linguísticos e discursivos, notavelmente a partir da obra de Bakhtin (2003), ampliou sua análise para além do literário. Isso aplica-se também à análise das fábulas.

Bakhtin investiga a língua e o discurso e, em seus estudos, as distinções entre os diversos gêneros textuais/discursivos se tornam evidentes. Segundo Bakhtin (2003), os gêneros variam conforme a situação, adequando-se à comunicação e à intencionalidade, interpondo-se, alternando-se, incorporando-se, estabelecendo uma relação entre os que enunciam, havendo uma articulação equilibrada entre a temática, a forma composicional e o estilo dentro de um jogo que envolve regularidade e instabilidade particular em cada gênero

De acordo com Bakhtin (2003 p. 324), “a língua, a palavra é quase tudo na vida humana”, uma vez que é por meio de enunciados, considerados concretos e únicos, orais ou escritos, que acontece a comunicação e a interação, havendo a socialização.

É impossível discutir sobre oralidade e letramento sem que haja uma referência direta ao papel dessas duas práticas na sociedade contemporânea, percebendo seus diferentes aspectos a respeito da língua, bem como suas formas de uso e ainda, considerando a escrita, enquanto prática social, como imprescindível em situações cotidianas (BAKHTIN, 2003).

O autor afirma que os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados que se desenvolvem e evoluem em diferentes esferas da comunicação humana.

Bakhtin (2003 p. 279) menciona os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que por sua vez se encontram em todos os aspectos da comunicação humana, seja de maneira oral ou escrita, apresentando-se em distintas formas de composição. E ainda, aponta que os gêneros discursivos são relevantes e necessários na interação dos indivíduos, sendo recursos sociais e orientados. Logo, são “as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua” (BAKHTIN, 2003 p. 85).

Dessa maneira, em referência às ideias de Bakhtin, o autor ressalta a diferença essencial entre gêneros primários (simples), que decorrem em virtude de uma comunicação verbal espontânea, e os gêneros secundários (complexos) que se utilizam em uma situação que envolve comunicabilidade mais complexa – e, em ambos, a oralidade está presente.

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (BAKHTIN, 2003, p. 283-284).

#### Complementando a ideia de Bakhtin (2003):

O gênero passou a ser definido menos como modo de organizar tipos de texto e mais como um poderoso formador de textos, sentidos e ações sociais, ideologicamente ativo e historicamente cambiante. Nessa perspectiva os gêneros são entendidos como formas de conhecimento cultural que emolduram e me deem conceitualmente a maneira como entendemos e agimos tipicamente em diversas situações (BAWARSHI e REIFF, 2013, p. 16).

Logo, os gêneros se configuram como atividades discursivas que contribuem

nos mais diversos tipos de interação social, exercendo poder. Paralelamente, a língua se apresenta como um meio de interação e, por meio dela, os gêneros se definem para possibilitar a compreensão pela linguagem.

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um dado conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem a base lógica para o gênero. Essa base molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e coloca limites à escolha de conteúdo e de estilo. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado como um critério que opera para manter o escopo de um gênero tal como aqui concebido, estritamente focado em uma ação retórica comparável. Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. Se todas as expectativas de probabilidade mais alta forem realizadas, o exemplar será visto como prototípico pela comunidade discursiva de origem (SWALES, 1990, p. 58).

Assim, os gêneros do discurso envolvem condições de produção, integrando-se às tipologias textuais que lhes conferem função e organização. A cada texto escrito ou falado se escolhe o gênero específico, determinando seu estilo, mas conforme o autor, sempre havendo interação social dentro de um determinado tema, seja de maneira escrita ou verbalmente.

Em cada uma destas esferas comunicativas, os parceiros da enunciação podem ocupar determinados lugares sociais - e não outros - e estabelecer certas relações hierárquicas e interpessoais - e não outras; selecionar e abordar certos temas - e não outros; adotar certas finalidades ou intenções comunicativas - e não outras, a partir de apreciações valorativas sobre o tema e sobre a parceria (ROJO, 2005, p. 197).

Ao ingressar em diferentes esferas de atividades, os indivíduos precisam empregar modos variados para estabelecer a comunicação, incorporando, inclusive, novos gêneros discursivos.

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham algum conjunto de propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos *experts* da comunidade do discurso original e, assim, constituem a lógica para o gênero. Essa lógica molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe a escolha de conteúdo e estilo. Propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado quanto um que opera para manter o escopo de um gênero como aqui concebido estritamente focado em ação retórica comparável. Além do propósito, exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se todas as altas expectativas de probabilidade forem realizadas, o exemplar será visto como prototípico pela comunidade do discurso original. Os nomes do gênero herdados e produzidos por comunidades de discursos e importados por

outros constituem comunicação etnográfica valiosa, mas normalmente requerem mais validação (SWALES, 1990, p. 58).

Diante da concepção de Swales (1990), pode-se compreender que os gêneros se afirmam como categorias a partir de padrões formais e/ou contextuais explanados nas ações que remetem à linguagem.

Sendo assim, a linguagem é configurada pelo discurso, seus agentes, sua função, e também pelo contexto de produção e recepção. A comunicação se caracteriza como veículos comunicativos visando o alcance dos objetivos. A dimensão comunicativa, então, se faz possível através da linguagem, “meio universal pelo qual a compreensão se realiza” (ALVES, 2011, p. 24).

A variedade e a riqueza dos gêneros do discurso são ilimitadas, pois as possibilidades da atividade humana são vastas e inesgotáveis. Cada área dessa atividade possui um conjunto completo de gêneros do discurso, que se expande e se diversifica à medida que um campo específico evolui e se torna mais complexo (BAKHTIN, 2003).

Tendo isso em mente, percebe-se e considera-se que a escola, de fato, deve ensinar a escrita; no entanto, a oralidade a perpassa, colaborando de forma essencial.

O estudo do gênero permite obter uma compreensão do funcionamento da sociedade. Ele se configura como um espaço interdisciplinar, fundamentado em atividades ligadas à linguagem, que o concebe como um ato social e cultural. O gênero, ao exercer ações que propiciam a comunicação, visa atingir determinados interlocutores e metas, adequando-se e alterando-se conforme o espaço, tempo, contexto e ocasião.

## **2.2 Especificidades da fábula enquanto gênero textual/discursivo e do trabalho com esses textos em sala de aula**

Acreditamos que o trabalho com fábulas é capaz de despertar maior envolvimento e atenção por parte do educando, devido ao seu caráter lúdico e educativo. Ao aproximar o aluno de realidades que ele vivencia, as fábulas promovem uma imersão no texto, estabelecendo uma interação dinâmica com as palavras, o contexto, os elementos extratextuais e a visão de mundo do estudante.

Dessa forma, a exploração do gênero fábula em sala de aula oferece ao professor a oportunidade de renovar sua prática pedagógica e enriquecer a

experiência dos alunos nesse universo narrativo. Por meio da interação e da produção individual, os estudantes desenvolvem sua identidade, expressando suas ideias e sentimentos de forma explícita e implícita, e construindo significados relevantes para o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, a fábula, ao ser utilizada como mediadora do desenvolvimento da oralidade e da escrita através dos gêneros textuais, configura-se como uma fonte discursiva essencial para estimular o pensamento crítico. A partir dela, é possível promover debates entre os alunos e incentivar a capacidade de investigar situações de conflito, motivando-os a buscar soluções e a desenvolver uma reflexão crítica sobre suas próprias atitudes frente a essas situações.

Ainda hoje, ao finalizarmos a narrativa de um caso ou de um acontecimento interessante ou curioso, é usual anunciarmos seu encerramento com a frase: "moral da história"... É precisamente da tradição das fábulas que herdamos esse costume de procurar uma explicação ou uma razão para os fatos que ocorrem em nossa vida ou na vida de outros, ou de tentar extrair desses fatos algum aprendizado útil, alguma lição prática.

Enquanto discurso, a fábula é uma fórmula específica de comunicar pensamentos críticos. Ela dirige-se à inteligência, provoca discussões, desafia a crítica e fomenta capacidade dos alunos de analisar e julgar. As fábulas fazem o aluno observar situações de conflito, que os levam a afastar-se delas sob determinadas circunstâncias e a oferecer situações estratégicas para resolvê-las; as fábulas desafiam a fazer exames críticos de comportamentos e, ao mesmo tempo, à autocrítica, ao rever os próprios modos e posturas. (LIMA; ROSA, 2012, p. 7-8).

Dessa forma, as fábulas remetem a ensinamentos importantes com valores que costumam resistir ao tempo, evidenciando experiências e maneiras de viver de um povo. A esse respeito encontramos a seguinte colocação:

Pois é justamente da tradição das fábulas que nos vem esse hábito de querer buscar uma explicação ou uma causa para as coisas que acontecem em nossa vida ou na vida dos outros, ou de tentar tirar delas, algum ensinamento útil, alguma lição prática (BAGNO, 2006, p. 51).

A análise das fábulas como um todo revela que elas constituíram um meio de tornar pública a verdade acerca de um contexto específico. Neste contexto educacional, as fábulas representam uma valiosa ferramenta para estimular a criatividade dos alunos, fomentar a reflexão crítica e auxiliar no desenvolvimento das

habilidades linguísticas.

A prática constante da leitura de fábulas, tanto no ambiente escolar quanto em outros contextos, é considerada um pilar importante para a formação de leitores competentes e proficientes, embora não seja o único fator determinante. Além disso, a fábula se destaca como uma excelente ferramenta para a reflexão sobre o comportamento humano, demandando do professor uma postura crítica que conduza os alunos a uma leitura reflexiva. Nesse processo, os educandos são incentivados a analisar as ações dos personagens, estabelecendo relações com os acontecimentos cotidianos e com seu próprio contexto social. Graças à sua versatilidade, a criança consegue perceber com maior facilidade as diversas situações, orientações e aprendizados contidos nas narrativas. A leitura de fábulas em sala de aula tem o potencial de despertar no aluno o interesse por explorar e estudar outras histórias, fomentando o hábito da leitura e estimulando a produção textual (RODRIGUES *et al.*, 2016).

Assim, um ambiente rico em ações criativas contribui para o desenvolvimento da comunicação infantil. Por isso, é fundamental que essas atividades sejam estruturadas de maneira a possibilitar que os alunos transitem de contextos informais e familiares, que já dominam ao entrar na escola, para cenários mais organizados e formais. Tal processo contribui para que compreendam o funcionamento desses elementos e os empreguem de maneira apropriada. (CHAER e GUIMARÃES, 2012).

Cada esfera da comunicação possui seus próprios gêneros, adequados à sua especificidade, e que correspondem a determinados estilos. Cada função (científica, técnica, ideológica, oficial ou cotidiana) e as condições particulares de cada esfera da comunicação verbal dão origem a um gênero específico. Esse gênero, por sua vez, como já dissemos, caracteriza-se como um tipo de enunciado relativamente estável em termos temáticos, composicionais e estilísticos (BAKHTIN, 2003).

Nesse cenário, a escola assume um papel essencial no fomento da oralidade e do letramento. Considerando que a língua é o elemento fundamental para a comunicação e a aquisição de saberes no ambiente escolar, a disciplina de língua portuguesa deve estabelecer a conexão entre as demais áreas do conhecimento. Isso se concretiza por meio de práticas pedagógicas diversificadas, explorando as inúmeras formas de comunicação utilizadas por professores e alunos, abrangendo tanto textos escritos e visuais – como resumos, exposições, narrativas, dissertações, entrevistas, seminários, gráficos, propagandas, outdoors, entre outros – quanto textos

orais – a exemplo de seminários e outras apresentações, gravações de entrevistas, encenações teatrais, rodas de conversa, e assim por diante (BRASIL, 2013).

A compreensão de qualquer material escrito não se resume a extrair, deduzir ou reproduzir significados preexistentes, mas sim a construí-los ativamente. Dessa forma, ao lermos, elaboramos uma interpretação, processo no qual interagimos o texto em si e um leitor ativo, que processa as informações e atribui sentidos ao que está escrito. Essas estratégias de construção de significado necessitam ser ensinadas e correspondem a um processo interno capaz de fornecer indícios e auxiliar na formulação de hipóteses sobre o texto. Tais hipóteses são então verificadas ao longo da leitura, permitindo ao leitor edificar sua interpretação e alcançar a compreensão do material lido (SOLE, 1998; KLEIMAN, 1996).

A interação envolve toda atividade de linguagem (verbal e não verbal) dentro do texto falado, orientando ou modificando o encaminhamento de toda a esfera discursiva. Pode-se observar ainda que a interação se encontra diretamente ligada à configuração contextual, havendo a relação dos interlocutores de formas distintas, de acordo com o contexto que estiverem inseridas.

As fábulas se apresentam como um valioso recurso pedagógico para a abordagem moderna da alfabetização, que vai além da decodificação e codificação; ela busca o letramento, ou seja, a capacidade de usar a leitura e a escrita em diversas situações sociais e para diferentes propósitos.

O consenso pedagógico atual indica que a fábula deve ser um dos muitos gêneros a serem explorados, e não o único ou o principal. Isso se deve ao fato de que sua riqueza permite uma abordagem sob perspectivas sociológicas e antropológicas, introduz valores morais e éticos de forma leve, estimula a discussão e a reflexão sobre comportamentos, além de trabalhar a compreensão leitora e explorar a linguagem figurada, garantindo assim um letramento mais amplo e contextualizado. Essa multifacetada contribuição justifica a presença marcante desse gênero literário desde os primeiros anos da educação escolar (BAGNO, 2006).

Logo, o professor pode adotar em sua prática o trabalho com as fábulas, proporcionando interação e integração na construção de aspectos socio-históricos referentes à língua escrita e falada. Isso ocorre por meio de variadas formas e contextos, uma vez que as socializações promovem a interpretação e leitura do mundo, permitindo oferecer melhores condições de participação na sociedade e possibilitando a comunicabilidade adequada a cada contexto.

É neste contexto que Bakhtin (2003, p. 302) menciona que os gêneros discursivos adquirem formas "mais maleáveis, mais plásticas e mais livres do que as formas da língua". Isso é particularmente relevante nas séries iniciais, pois contribui para a construção do sentido da aprendizagem dos alunos de maneira lúdica.

Assim, o trabalho nas séries iniciais vai além da exploração mecânica de uma variedade de gêneros textuais, que se limita a copiar ou reproduzir modelos prontos. A prática prioriza a transformação sociocultural intencionalmente ofertada pela escola, visando à sistematização do conhecimento e ao diálogo do educando com os saberes que o ambiente escolar lhe proporciona.

No ensino de uma maneira geral, e em sala de aula de modo particular, pode-se tratar dos gêneros na perspectiva aqui analisada e levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero em cada um. É um exercício que, além de instrutivo, também permite praticar a produção textual. É evidente que essa tarefa pode ser reformulada de muitas maneiras, de acordo com os interesses de cada situação de ensino. Mas é de se esperar que por mais modesta que seja a análise, ela será sempre muito promissora (MARCUSCHI, 2003, p. 15/16).

Nesse contexto, as fábulas possuem papel essencial na literatura infantil e juvenil, se apresentando como ferramentas educativas para transmitir valores e lições de vida de forma lúdica e acessível, adentrando em questões pertinentes, como conselhos, virtudes, defeitos, julgamentos de valor moral, conseguindo atrair e obter a atenção dos alunos. Por meio das fábulas, é possível articular questões didáticas e pedagógicas com o objetivo de desenvolver o interesse dos educandos pela leitura, a produção oral de conhecimento, a socialização e, acima de tudo, promover a desenvoltura em sala de aula, bem como a criticidade e a reflexão sobre problemas de ordem social.

Para que o trabalho com gêneros textuais em sala de aula se torne mais envolvente e eficaz, é fundamental que o professor elabore um planejamento estruturado, atue com mediação ativa e possua domínio conceitual sobre os gêneros abordados (Schneuwly e Dolz, 2011). Contudo, tanto a formação inicial quanto a continuada dos docentes nem sempre oferecem subsídios suficientes para que se explore, de maneira aprofundada, o potencial literário e linguístico da fábula.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) reconhece a importância da oralidade e da leitura literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental, inclusive indicando o uso de fábulas como recurso pedagógico. No entanto, a ausência de

políticas consistentes de formação e acompanhamento dificulta a efetivação dessa proposta na prática escolar.

Apesar de suas qualidades, a fábula ainda é pouco explorada nas escolas, principalmente devido à visão restrita do gênero, à ênfase em avaliações padronizadas, à formação insuficiente dos professores e à falta de práticas pedagógicas inovadoras. Superar esse cenário exige investimentos em formação docente, revisão dos materiais didáticos e valorização da literatura desde os anos iniciais.

Uma das possibilidades de abordagem das fábulas em sala de aula é a partir do livro de Sérgio Capparelli (2021), *30 fábulas contemporâneas para crianças*, que apresentaremos a seguir.

### **2.2.1 A releitura das fábulas de Esopo por Sérgio Capparelli**

Sérgio Capparelli é um escritor, jornalista e professor brasileiro reconhecido por suas adaptações criativas e acessíveis de clássicos como as fábulas de Esopo. Sua obra dialoga com o universo infantil e tem grande valor pedagógico. Ele foi escolhido nesta pesquisa por contribuir de forma eficaz para o desenvolvimento da oralidade, do letramento e da reflexão crítica nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Os poemas de Sérgio Capparelli encantam o leitor, convidando-o a um prazeroso jogo de exploração de rimas, imagens vívidas e palavras repletas de múltiplos sentidos.

Suas composições poéticas lançam o estimulante desafio de interpretação, entrelaçando a percepção da realidade com o domínio da imaginação. Empregando rimas típicas do gênero, os poemas abordam temas próximos ao universo infantil, como férias, brinquedos, a fluidez do tempo, alimentos saborosos e emocionantes aventuras, inclusive jornadas lunares.

Seus livros também desvendam o reino animal, onde os bichos expressam uma variedade de sons, habilmente representados na escrita por onomatopéias expressivas. O leitor encontrará versos que celebram a família, valores fundamentais como a honestidade e o significado da amizade. A paisagem se destaca como tema central, presente em poemas ricamente adornados por adjetivos que evocam a melodia, instrumentos musicais, as estações do ano e os inesperados acontecimentos.

Há, ainda, passagens repletas de ludicidade, com hipopótamos a cuidar de seus umbigos, meninas a organizar dromedários e vacas a saborear guaraná, além de divertidos enigmas a serem desvendados (CAPPARELLI, 2021).

As fábulas de Capparelli, assim como as de Esopo e La Fontaine, apresentam animais como protagonistas, sendo dotados de características humanas. Assim, a escolha possibilita que os leitores possam se identificar com as histórias e consigam refletir a respeito de comportamentos e atitudes que podem ser assertivas ou não, ressaltando alguns valores como a amizade, honestidade, coragem, bem como a importância do respeito às diferenças.

Dessa forma, Capparelli estabelece uma conexão emocional com o leitor, facilitando a assimilação e a aplicação das lições de forma natural e envolvente.

Um dos aspectos mais interessantes e relevantes nas fábulas de Capparelli se caracteriza por sua habilidade em misturar humor e a crítica social, mas tudo por meio de uma leitura curta e prazerosa, proporcionando ensinamentos, contribuindo com a contemporaneidade, possibilitando reflexão. Ao utilizar a ironia e o absurdo, Capparelli consegue, de maneira sutil, questionar normas sociais e comportamentos que, muitas vezes, passam despercebidos no cotidiano. Assim, os jovens leitores são levados a pensar criticamente sobre suas próprias atitudes e as da sociedade ao seu redor.

Além disso, as fábulas de Sérgio Capparelli são uma excelente ferramenta para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. As histórias são repletas de elementos fantásticos e cenários inusitados, que estimulam a curiosidade e o desejo de explorar novos mundos. Essa combinação de fantasia e realidade ajuda a despertar o interesse pela leitura, promovendo o hábito de se envolver com livros e histórias. Através da leitura das fábulas, as crianças são convidadas a criar suas próprias narrativas, desenvolvendo habilidades linguísticas e narrativas que serão valiosas ao longo de suas vidas.

Outro ponto importante a ser destacado é a acessibilidade das fábulas de Capparelli. Com uma linguagem clara e cativante, o autor consegue atingir um público diversificado, tornando suas obras apropriadas tanto para crianças quanto para adolescentes. Essa característica democratiza o acesso à literatura, permitindo que mais jovens possam se beneficiar das lições que as fábulas oferecem.

As fábulas, segundo Capparelli (2021), orientam um comportamento por meio da moral da história ou das consequências das atitudes das personagens, como uma característica direcionando-as à educação dos educandos. E como as fábulas

possuem caráter universal, permitem expandir o olhar e encontrar vestígios na realidade, adentrando na vivência dos educandos. O autor costuma utilizar ora moral explícita, ora não; ora provérbio, ora não, se caracterizando como um elemento que remete à contemporaneidade às fábulas.

Conforme as considerações de Romão (2006), a fábula se distingue por ser uma narrativa concisa, cuja linguagem pode variar entre a norma culta e a coloquial, a depender do propósito e do contexto em que se situa, e, ao final do texto, apresenta-se uma moral, com o objetivo de transmitir um ensinamento. Referindo-se a esse marco conceitual apresentado por Romão (2006), Góes (1991, p.144) salienta que:

A fábula é uma forma literária indireta na exposição de sua expressão, de caráter geralmente crítico, de análise precisa e tradução sintética dos fatos que são tanto objetivos quanto eloquentes para o entendimento. Transmite a crítica ou conhecimento, em forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato ou a personagem.

Corroborando essa ideia, Romão (2006) afirma que o gênero é rico, empregando uma linguagem capaz de gerar os efeitos de sentido almejados e de veicular significados implícitos, propiciando uma lição. Essa lição pode tanto reforçar a importância de uma ação moral quanto introduzir novos valores, oferecendo ao leitor subsídios para questionar certas normas. Dessa forma, o leitor tem a oportunidade de construir e expressar sua própria perspectiva sobre o discurso fabulístico, demonstrando compreensão e interpretação do tema abordado, o que favorece o desenvolvimento das competências de leitura, escrita e oralidade.

Assim, ao utilizar diferentes linguagens, o leitor se envolve com a obra de forma harmoniosa, lidando com questões socioemocionais e promovendo o respeito, a criticidade e a cidadania no contexto do mundo contemporâneo.

O livro de Capparelli retoma as fábulas de Esopo. Oliveira e Santos (2022, p. 21) esclarecem:

Esopo (sec. VI a.C) foi um fabulista grego, que teria vivido na Grécia antiga. Figura supostamente lendária, passou para a história como o primeiro criador de fábula.

Esopo, segundo uma biografia egípcia do século I a.C., conta que Esopo teria nascido provavelmente na região de Trácia, onde hoje se localiza a Turquia por volta do ano 550 a.C.

Segundo a lenda, ele teria sido vendido como escravo em Samos a um filósofo, que posteriormente lhe teria concedido alforria.

Na mesma época, Plutarco afirmou que Esopo teria sido conselheiro de Cresos, rei da Lídia, e que costumava contar histórias sobre animais das quais extraía uma moral.

Oliveira e Santos (2022), referindo-se a Esopo conforme a interpretação de Capparelli (2021), abordam as fábulas antigas sob uma perspectiva contemporânea, analisando suas transformações à luz das visões e necessidades atuais. Essa abordagem é transposta para a sala de aula, utilizando uma roupagem atualizada.

Sérgio Capparelli utiliza fábulas, textos clássicos integrantes da cultura popular, para tratar de situações cotidianas universais, inserindo-as em um contexto atual e empregando uma linguagem acessível às crianças. Dessa forma, ele consegue transformar ensinamentos seculares em textos que estabelecem uma comunicação eficaz com os educandos de hoje.

Neste contexto, envolver-se em uma fábula proporciona a valorização de uma cultura, promove encantamento, o imaginário e esse aspecto enriquece o aprendizado dos alunos, ajudando na construção de um cidadão reflexivo, crítico, dialogando constantemente com a produção textual, possibilitando novos sentidos à existência. A BNCC também preconiza que se desenvolva a habilidade de leitura, incluindo a compreensão circundante das condições de produção e de recepção do texto, utilizando a fábula como gênero literário relevante para o desenvolvimento integral do aluno.

### **2.3 Oralidade, letramento e a produção textual na escola**

Para entender a relação entre oralidade e letramento, é essencial definir cada um desses conceitos e, em seguida, examinar suas diferenças, bem como a conexão profunda que os une.

Desde sempre, o ser humano manifesta a necessidade de narrar seus pensamentos e emoções. Assim, a linguagem é muito mais do que um veículo de comunicação: ela é uma ferramenta evolutiva essencial que permitiu à espécie humana adaptar-se, cooperar e prosperar, tornando-se um pilar fundamental para sua sobrevivência e evolução. Nesse sentido, a oralidade configura-se como uma prática social complexa e multifacetada, manifestando-se em diversas formas e contextos, e que transcende a mera capacidade de emitir sons para falar (MARCUSCHI, 2010).

A linguagem é, acima de tudo, um fenômeno interacional e social, construído e moldado nas relações humanas, e o ser humano tem grande capacidade de se adaptar ao contexto em que vive, aprendendo e desenvolvendo novos

comportamentos, seja no ambiente escolar ou fora dele.

É fundamental destacar que, ao discutirmos a importância do trabalho com a oralidade na educação, não se trata de exigir que o docente ensine os estudantes a se comunicarem ou se apresentarem em público. Ao contrário, a intenção é apresentar aos alunos as diversas situações de comunicação com as quais poderão interagir, considerando a relevância que a habilidade de falar em público possui na prática da cidadania (MARQUES E ALVES, 2021).

Neste contexto, ao referir-se à modalidade oral da língua, os PCNs afirmam que “não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar” (BRASIL, 1998, p. 38)

Outro detalhe importante relativo à oralidade, e que é bem ressaltado nos PCNs, é que a modalidade oral deve procurar desenvolver no aluno a capacidade de tomar decisões, resolver problemas e, principalmente, o preparo prévio de sua comunicação.

Considerando essa perspectiva, o documento propõe que o trabalho com a oralidade na escola vise a capacitar do aluno de compreender e escolher entre os diversos usos da linguagem oral, optando por aquele mais adequado às diferentes situações comunicativas.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (BRASIL, 1998, p. 67- 68).

Já no que diz respeito à modalidade escrita, os PCN a expõem como prática complementar à leitura, de forma que esta deve ser trabalhada no sentido não só de formar leitores competentes, mas também como consequência dessa prática, com o objetivo de formar escritores, ou melhor, indivíduos capazes de escrever de forma eficaz, cumprindo sua função comunicativa.

A esse respeito, encontramos a colocação de Soares que defende o letramento como sendo “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”, utilizando-as em diversas práticas sociais (SOARES, 2009, p. 18).

A autora também relata que a articulação entre alfabetização e letramento no contexto educacional atual é essencial para garantir que os processos de ensino e aprendizagem sejam significativos e socialmente relevantes.

Segundo Freire (apud Novoa, 1979), a interação com as pessoas, facilitada pela linguagem, representa o momento que une a reflexão e a atuação de seus participantes, direcionando-as para um mundo que precisa ser modificado e humanizado. A linguagem desempenha um papel social de comunicação e propicia a criação de signos que, ao serem assimilados, convertem-se em consciência, essencial para essa mudança na sociedade.

Dado que o letramento abrange várias facetas e dimensões, é essencial implementar uma variedade de metodologias para apoiar e impulsionar a aprendizagem inicial da escrita, pois não existe um único método de ensino, o ideal é que o professor seja capaz de combinar e adaptar diferentes metodologias (SOARES, 2004).

Dessa forma, assumindo a indissociabilidade leitura-escrita-fala-escuta, para além da leitura de diferentes gêneros, é preciso promover a escrita de diferentes gêneros, propiciando, de tal maneira, a entrada dos indivíduos no mundo da escrita de variados gêneros, como também a possibilidade de eles escolherem e desenvolverem modelos próprios. Acredita-se, com isso, que os sujeitos tornam-se mais capazes de compreender o processo de leitura e escrita, efetivando-o no domínio da metacognição e tornando-se mais competentes.

Nesse contexto, Kleiman (2012) destaca que as considerações de Bakhtin revelam que a linguagem, independentemente de sua forma de comunicação — seja ela oral, escrita ou gestual — é intrinsecamente polifônica. Em outras palavras, isso implica que a linguagem contém múltiplas vozes, ou seja, não é limitada apenas à voz do enunciador, mas abriga diversas outras perspectivas. Para Bakhtin, essas características linguísticas são observáveis em uma variedade de textos, mesmo que apresentem grandes variações em sua forma e complexidade, dependendo do modelo e do gênero a que pertencem.

Dessa forma, ao considerar as ideias de Bakhtin, é importante observar a distinção fundamental entre os gêneros primários, que são simples e surgem de uma comunicação verbal espontânea, e os gêneros secundários, que são complexos e são utilizados em esferas de comunicação mais específicas. Assim, a oralidade não é apenas uma forma de comunicação: ela é um elemento indissociável da vida em

sociedade, atuando como um pilar constante nas interações humanas e na edificação dos contextos sociais. (BAKHTIN, 2003).

Nessa perspectiva, os gêneros textuais são compreendidos como formas de conhecimento cultural que moldam e organizam a maneira como entendemos e agimos normalmente em diversas situações comunicativas (BAWARSHI e REIFF, 2013).

Nesse sentido, as metodologias de ensino deveriam pautar-se em concepções coerentes com o ensino da língua escrita, sendo necessária a adequação dos diferentes meios de leitura para a produção de texto contextualizado. Ao produzir determinado texto o aluno deveria estar preparado para ser leitor.

Ainda sobre esse assunto, a BNCC relata que;

É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de Língua Portuguesa, quer sejam das demais áreas do conhecimento. A linguagem tem um papel no processo de ensino, pois atravessa todas as áreas de conhecimento, mas o contrário também vale: as atividades relacionadas às diferentes áreas são, por sua vez, fundamentais para a realização de aprendizagem de natureza linguística (BRASIL, 2018, p. 39).

Sob essa ótica, a leitura não se configura como um acontecimento espontâneo, onde a mera prática da decodificação de letras inevitavelmente conduzirá à compreensão com o passar do tempo. É fundamental que a criança, ou o adulto em processo de alfabetização, desenvolva a consciência de seu aprendizado da leitura, do uso de estratégias específicas e da construção ativa de significado a partir das palavras que compõem um texto.

Considerando o exposto, Costa Val (2006, p. 3) relata que a noção de texto é utilizada para definir a concepção de “textualidade”. Para a autora, o texto se caracteriza por ser uma ocorrência linguística “dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”, ou seja, o texto visa à comunicação, precisa ser recebido como um todo significativo e, para isso, é necessário que seus constituintes estejam integrados, formando uma unidade material.

Assim, a avaliação de um texto compreenderia o aspecto pragmático, relacionado ao seu funcionamento; o semântico, voltado para a coerência (sentido); e o formal, que trata da coesão (organização), sendo os dois últimos responsáveis pela textualidade, que faz com que um texto não se resume a uma sequência de frases (COSTA VAL, 2006). Embora Costa Val, como muitos linguistas textuais, possa focar

em elementos analíticos específicos (coesão, coerência, pragmática), a perspectiva dialógica de Bakhtin oferece a base teórica e filosófica que dá sentido à importância desses elementos no processo comunicativo (PERNAMBUCO E FIGUEIREDO, 2011)

Compreendemos, com isso, que a textualidade, conferida pela coesão e coerência dos textos, possibilita a concretização do sentido textual. Para que um texto faça sentido, ele precisa ser analisado em sua íntegra, relacionando-se suas partes a fim de percebermos, por exemplo, a continuidade, a progressão, a não-contradição, a articulação (coerência), a coesão, a intencionalidade e a aceitabilidade do discurso. Esses aspectos são fundamentais para a avaliação de textos e, infelizmente, costumam ser negligenciados por professores que têm o hábito de privilegiar aspectos mais superficiais, referentes às normas gramaticais.

Nesse contexto de valorização da linguagem como prática social e da textualidade, a fábula emerge como um gênero literário pertinente ao público infantojuvenil, pois materializa, de forma acessível, os princípios de coesão, coerência e intencionalidade que compõem a textualidade, sendo crucial para o desenvolvimento da leitura.

Partindo desse pressuposto, o gênero fábula configura-se como um espaço propício ao desenvolvimento da capacidade de expressão de novas ideias e versões escritas pelos alunos, especialmente através da personificação de animais, recurso que possibilita a exploração indireta e criativa de comportamentos e traços de personalidade.

A linguagem da fantasia, característica marcante desse gênero literário e mediada pela figura do professor contador de histórias, estabelece uma relação de proximidade entre aluno e professor, onde as barreiras entre realidade e imaginação se dissolvem, integrando-se numa experiência única.

Nesse contexto, as fábulas capturam o interesse dos leitores ao retratarem uma variedade de emoções e sentimentos, como esperança, sabedoria e amor. Essa imersão narrativa auxilia os alunos na compreensão mais profunda de seus próprios pensamentos, emoções e sentimentos.

Durante a contação de histórias, a criança desenvolve uma conexão mais forte com o professor que utiliza uma linguagem acessível à sua compreensão. Isso ocorre porque a literatura cria um elo entre adultos e crianças por meio da linguagem da fantasia, ajustada ao estágio de desenvolvimento infantil e elaborada de forma a facilitar a compreensão do mundo sob a perspectiva da infância.

Ao se trabalhar com o gênero fábula, o professor tem a oportunidade de reinventar sua prática e contribuir com os alunos dentro deste universo, podendo adentrar na parte textual.

Sob essa perspectiva, podemos dizer que a literatura infantil proporciona inúmeros benefícios às crianças, incluindo o estímulo à criatividade e à imaginação, o aprimoramento da escrita, o favorecimento do conhecimento de diferentes culturas, o incentivo a atitudes éticas e a ampliação da compreensão do mundo.

Corroborando com essa ideia, Lima e Rosa (2012) afirma que a literatura infantil desempenha um papel crucial na aprendizagem, constituindo uma valiosa fonte de informações que, além de evocar diversas emoções, explora situações do universo imaginário com as quais a criança se identifica de múltiplas formas. Ao resgatar valores e desenvolver as habilidades de leitura e escrita, contribui para a formação de cidadãos conscientes e críticos. De maneira clara e objetiva, a literatura infantil transforma sentimentos e sensações, permitindo à criança perceber a importância de expressar sua opinião sem receios. Unindo o aprendizado ao entretenimento, ela instrui e diverte, auxiliando o ouvinte na compreensão do mundo ao seu redor.

Logo, o educando vai se tornando apto dentro do texto, interagindo e produzindo sua identidade, explanando o que há de melhor de forma explícita e implícita, elaborando sentidos relevantes.

Marcuschi (2002, p. 29) ressalta que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística, e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos com situações particulares”. É nessa direção que o gênero fábula se caracteriza como opção de proposta de intervenção pedagógica, apesar de ser antigo, continua de grande relevância na literatura contemporânea.

As fábulas, por exemplo, trazem à tona características narrativas diferentes de cartas e biografias, dentre outros tipos de textos, deixando explícito o discurso direto e indireto. E por serem concisas, centradas em um só conflito e apresentarem belas expressões, são ideais para explorar diversas questões, com turmas das séries ou anos iniciais do Ensino Fundamental (LIMA; ROSA, 2012, p. 9).

As fábulas se apresentam como histórias breves que utilizam animais como personagens, visando mostrar experiências e vivências próprias dos indivíduos. Além de divertir e instruir, elas promovem o gosto pela leitura e pela escrita, compondo produções enriquecedoras. (SCHNEIDER; CLARAS, 2014).

Outro detalhe importante relativo ao gênero fábula é que o mesmo se estrutura em uma sequência lógica, fundamentada na narrativa popular, que aborda aspectos intrínsecos à conduta e aos valores humanos. Em seu desenvolvimento textual, pode apresentar críticas a certos comportamentos individuais, sempre personificados por animais dotados de características simbólicas que ilustram as atitudes humanas (AZEVEDO, 2018).

Em consonância com essa linha de raciocínio, Silva (2017) corrobora o argumento apresentado no parágrafo anterior ao afirmar que:

Por meio das fábulas o aluno tem a oportunidade de aprender a aprender dentro de uma nova maneira, adentrando de forma divertida e leve em valores, sentimentos, construindo então novas configurações relevantes. Utilizando os gêneros textuais como facilitadores da oralidade e escrita, a fábula então, como discurso, é uma fonte essencial para formar pensamentos críticos, gerando nos alunos discussões e provocando a capacidade de investigar situações de conflitos; levando-os a resolvê-las e, também gerando um ato de criticidade ao olhar para suas respectivas atitudes diante das situações (SILVA, 2017, p. 3).

Em suma, o gênero fábula, com sua estrutura acessível, personagens simbólicos, temas universais e potencial para estimular a imaginação e o pensamento crítico, cria um ambiente seguro e motivador para que os alunos se aventurem na escrita, expressando suas próprias ideias, elaborando novas interpretações de narrativas existentes e desenvolvendo sua identidade autoral.

Conforme o exposto, a fábula favorece a formulação de pensamentos críticos, através dos desafios propostos e da capacidade de analisar conflitos, possibilitando a elaboração de resoluções em diferentes contextos. Por este motivo, consideramos que o trabalho com fábulas em sala de aula pode ser altamente produtivo para os alunos.

Para desenvolver esta proposta, partimos o conceito de “sequência didática”, conforme desenvolvido por Schneuwly e Dolz (2011), propondo adaptações. Essa sequência será apresentada ao final deste trabalho, consistindo em uma reescrita de fábulas realizada pelos alunos, com o objetivo principal de auxiliar os educandos nas dificuldades de aprendizado ainda presentes devido à pandemia.

As sequências didáticas consistem em um conjunto de ações pedagógicas organizadas sistematicamente que, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p. 83), têm o objetivo de “proporcionar aos alunos o acesso a práticas de

linguagem novas ou de difícil domínio”. Dolz e Schneuwly (2011, p. 150) ainda ressaltam:

[...] a escolarização dos gêneros orais suscita inevitavelmente transformações, algumas sob o controle mais ou menos consciente dos parceiros do ensino, outras automaticamente ligadas às restrições das situações didáticas. Desse ponto de vista, os gêneros escolares podem ser considerados variantes dos gêneros de referência, que visam ser acessíveis ao aluno.

Assim, os gêneros escolhidos para serem trabalhados podem seguir uma sequência didática visando orientar o ensino e, principalmente, promover o acesso à leitura e à reescrita. Este momento permite o feedback sobre o educando, possibilitando revisitar os caminhos em prol de se alcançar assertividade. Além disso, a sequência deve ser atraente e motivadora, e por isso precisa acontecer de forma lúdica e divertida.

### 3.METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa desenvolvida. Trata-se de uma pesquisa-ação, também de natureza bibliográfica e analítica, que possibilitou uma investigação aprofundada acerca da contribuição das fábulas de Sérgio Capparelli para o processo de aprendizagem, alicerçada em um consistente referencial teórico e em uma análise minuciosa da obra do autor.

#### 3.1 Natureza da pesquisa (pesquisa-ação)

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa-ação, tendo empregado, ainda, uma metodologia de natureza bibliográfica e analítica, visando investigar a contribuição das fábulas de Sérgio Capparelli para o processo de aprendizagem infantil, com ênfase no desenvolvimento da oralidade, do letramento, do pensamento crítico e da assimilação de valores.

A análise inicial deteve-se nas fábulas do autor, buscando identificar particularidades de sua linguagem, os temas explorados, as estruturas narrativas empregadas e as possíveis mensagens morais ou reflexões suscitadas. Para tanto, foram examinadas diversas edições e coletâneas de suas obras.

Ademais, foram investigados trabalhos de teóricos da literatura infantil, da linguística e da educação que abordaram a essência, a estrutura, a função pedagógica e o potencial do gênero fábula no desenvolvimento infantil.

Deu-se prioridade a autores como, Bakhtin (para a análise do gênero discursivo) e Marcuschi (para a compreensão dos gêneros textuais), bem como a outros estudiosos que trataram especificamente da fábula, com foco no desenvolvimento da oralidade e do letramento nos anos iniciais, na relevância da literatura infantil nesse processo e nas estratégias pedagógicas aplicáveis.

A coleta de dados para esta investigação envolveu pesquisas em bases de dados acadêmicas (como *Scielo* e *Google Scholar*), periódicos especializados em educação e literatura, catálogos de bibliotecas e a análise das referências bibliográficas presentes nas obras consultadas.

A segunda etapa da pesquisa consistiu na análise qualitativa do material bibliográfico reunido. Nessa fase, foram examinadas as características intrínsecas das fábulas de Sérgio Capparelli, buscando identificar elementos como o vocabulário

utilizado, a estrutura frasal, as relações sociais retratadas, as características humanas exploradas e a mensagem explícita ou implícita transmitida. Tais elementos foram considerados em sua potencial contribuição para o desenvolvimento da oralidade (por meio de reconto e dramatização), do letramento (através da análise textual e da produção escrita), do pensamento crítico (pela discussão da moral e identificação de diferentes perspectivas) e da compreensão de valores (mediante a reflexão sobre os comportamentos e suas consequências).

Dessa forma, tendo como base teórica os estudos e pesquisas acerca do tema, foi realizado um estudo de caso com alunos do 5º ano A de uma escola municipal localizada no interior do estado de São Paulo, com os quais foram desenvolvidos trabalhos de leitura e interpretação do gênero fábula, a fim de verificar a funcionalidade de tais textos para o trabalho com a oralidade e o letramento, bem como uma proposta de produção textual, cujo produto foi analisado nesta dissertação.

Desse modo, tornou-se possível verificar a viabilidade de se adaptar as fábulas ao contexto contemporâneo, visando alcançar o objetivo principal de desenvolver a oralidade e o letramento de acordo com a realidade vivenciada pelos educandos, mas de maneira acessível e agradável, incentivando, sobretudo, o prazer pela leitura.

### **3.2 Dados**

A pesquisa-ação ocorreu em uma escola municipal situada no interior do estado de São Paulo, abrangendo alunos do 5º ano. Com eles, foram realizadas atividades de leitura e interpretação do gênero fábula, com o intuito de verificar a eficácia desses textos no trabalho com oralidade e letramento, de maneira leve e divertida, buscando despertar neles o desejo pela leitura. Ao final do processo, foi proposta uma produção de texto.



Figura 1 – Escola onde foi realizada a pesquisa  
Fonte: Elaborada pela Autora

A cidade tem uma população estimada de 9.050 habitantes, sendo 4.404 homens e 4.646 mulheres, tendo como resultado do IDEB no último censo de 2021 a média de proficiência em 6,5 em Português e 81% em Matemática.

Como houve a pandemia de Covid-19 no ano de 2020, muitos alunos, quando voltaram a frequentar presencialmente a escola, apresentaram uma defasagem relevante e preocupante na aprendizagem, acarretando prejuízos no desenvolvimento infantil. O corpo docente da escola é composto por 13 professores polivalentes, 9 professores de área (atuando em Inglês, Educação Física e Informática) e 1 psicopedagoga.

A turma participante da pesquisa é formada por 23 crianças, das quais 6 possuem algum déficit de aprendizagem, sendo que 3 possuem laudos fechados de Autismo, Déficit de Atenção e Hiperatividade. Desse modo, a participação efetiva na pesquisa envolveu 19 alunos do total de 23. A inclusão de 2 dos 6 alunos com déficit de aprendizagem foi possível graças ao apoio de uma estagiária, que oferece acompanhamento individualizado aos alunos com maior grau de comprometimento na aprendizagem.

### **3.3 Relato das atividades realizadas para a pesquisa**

Dentro desse contexto, serão acrescidas informações sobre a escola e os educandos, com o objetivo de reconstruir o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, será considerada a realidade educacional vivenciada anteriormente, cujos reflexos e desafios ainda persistem, especialmente devido à pandemia. Assim, torna-

se essencial que os professores busquem fazer possíveis avaliações e adequações, tentando assegurar a leitura descontraída, leve por meio das fábulas, em particular as de Sérgio Capparelli.

Os alunos que participam da pesquisa caracterizam-se como uma turma que se deparou com a pandemia de COVID-19 em 2020. Assim, quando as aulas presenciais retornaram, percebeu-se neles muitas dificuldades, o que resultou em uma considerável defasagem de aprendizagem em relação aos anos anteriores à pandemia. Além disso, houve mudanças de professores por algumas vezes, o que também influenciou negativamente no desenvolvimento deles e na aprendizagem.

Para a realização da pesquisa, desenvolveu-se com os alunos um estudo sobre as fábulas de Esopo. Buscou-se, de maneira leve e divertida, assegurar maior assertividade na leitura e interpretação, aplicando a fábula "**A cigarra e a formiga**". Essa obra foi escolhida por ser conhecida e ter uma linguagem clara e direta na releitura de Sérgio Capparelli.

Foi apresentada aos alunos a fábula de Esopo, com os apontamentos dessa versão, e, posteriormente, a versão do autor brasileiro Sérgio Capparelli. Assim, foram verificadas as mudanças e singularidades, uma vez que, embora mantenha a mesma essência, a versão de Capparelli promove maior reflexão ao explorar temas atuais de maneira lúdica.

Ao iniciar o projeto, os educandos participaram de uma roda de conversa sobre o gênero fábula, e no decorrer de 15 dias no início do período, apresentou-se aos alunos uma leitura sobre diversas fábulas conhecidas, com referência a alguns autores como Esopo e Sérgio Capparelli, ressaltando que algumas fábulas possuem várias versões, mas que a essência permanece. Posteriormente, evidenciamos o autor Sérgio Capparelli, o que possibilitou aos alunos perceber que, nos dias atuais, é possível criar uma nova versão da fábula a partir de propostas contemporâneas.

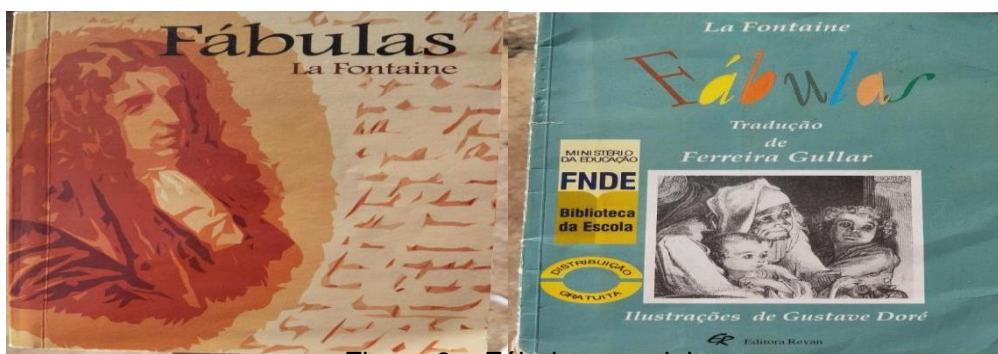


Figura 2 – Fábulas para leitura  
Fonte:Elaborada pela Autora



Figura 3 – Fábulas para leitura  
Fonte: Elaborada pela Autora

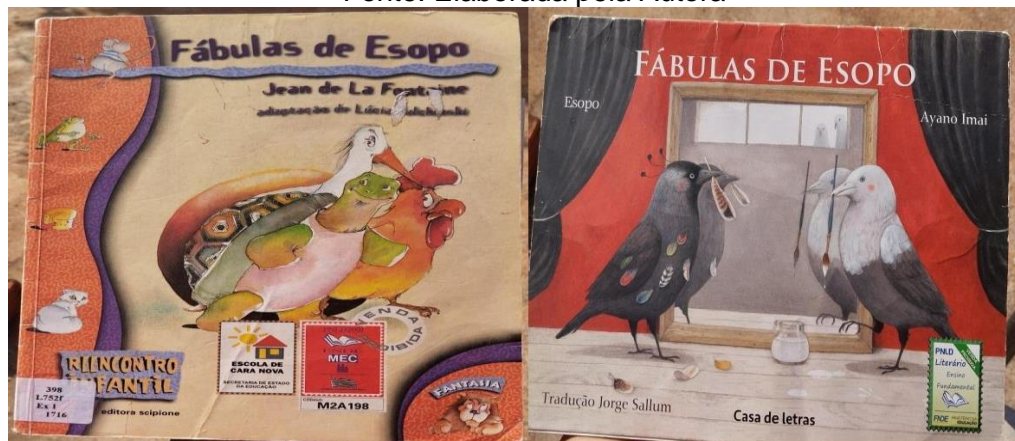


Figura 4 – Fábulas para leitura  
Fonte: Elaborada pela Autora

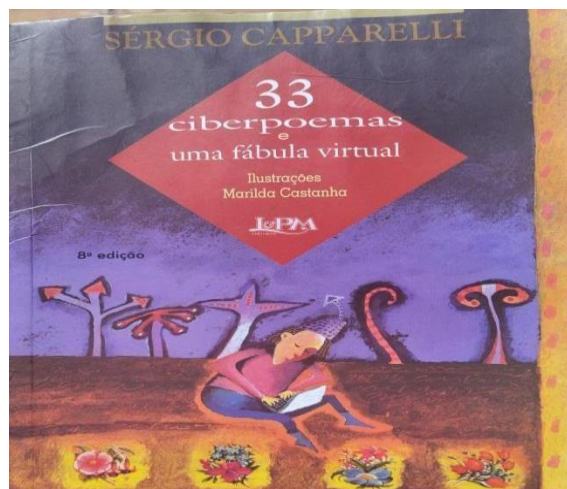


Figura 5 – Fábulas para leitura  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 6 – Fábulas para leitura  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 7 – Fábulas para leitura  
Fonte: Elaborada pela Autora

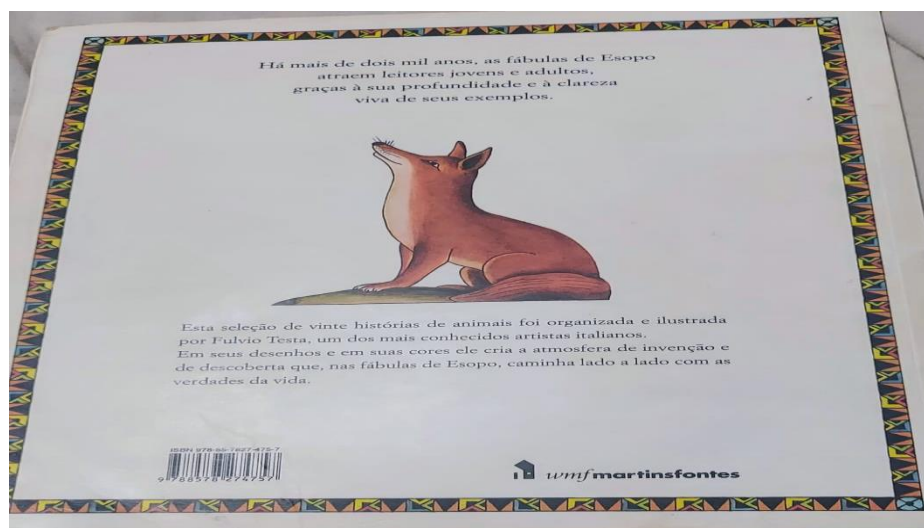


Figura 8 – Fábulas para leitura  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 9 – Fábulas para leitura  
Fonte: Elaborada pela Autora

Os alunos também tiveram a oportunidade de explorar diversas fábulas na sala de informática através da *Árvore de Livros*, uma plataforma digital que oferece um amplo acervo de livros digitais e audiolivros para a comunidade escolar (alunos, professores e famílias). Essa experiência possibilitou a leitura individual e compartilhada de diferentes versões, incluindo as de Esopo, além de atividades de reconto, releitura e produção textual.

Ao final da pesquisa, os alunos fizeram a reescrita de uma fábula escolhida por eles. A seguir, apresentamos a versão por Esopo da fábula: *A cigarra e a formiga*, que antigamente era conhecida como: *O gafanhoto e a formiga*:

### O gafanhoto e a formiga

Num belo dia inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de comidas. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado molhados. De repente aparece uma cigarra:

- Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de comida!

As formigas pararam de trabalhar, coisas que era contra seus princípios, e perguntaram:

- Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

Falou a cigarra:

- Para falar a verdade, não tive tempo. Passei o verão todo cantando! Falaram as formigas:

- Bom... Se você passou o verão todo cantando, que tal passar o inverno dançando? E voltaram para o trabalho dando risadas.

**MORAL DA HISTÓRIA:** Os preguiçosos colhem o que merece.

*A cigarra e a formiga na versão de La Fontaine traduzida por Bocage.*

### A cigarra e a formiga

Tendo a cigarra em cantigas  
 Passado todo o verão  
 Achou-se em penúria extrema Na  
 tormentosa estação.  
 Não lhe restando migalha  
 Que trincasse, a tagarela Foi  
 valer-se da formiga, Que  
 morava perto dela.  
 Rogou-lhe que lhe emprestasse,  
 Pois tinha riqueza e brilho, Algum  
 grão com que manter-se Té voltar o  
 aceso estio.

– “Amiga”, diz a cigarra,

– “Prometo, à fé d’animal,

Pagar-vos antes d’agosto Os  
 juros e o principal.”

A formiga nunca empresta, Nunca  
 dá, por isso junta.

– “No verão em que lidavas?” À  
 pedinte ela pergunta.

Responde a outra: – “Eu cantava Noite e  
 dia, a toda a hora.”

– “Oh! bravo!”, torna a formiga.

– “Cantavas? Pois dança agora!”

*A cigarra e a formiga na versão de La  
 Fontaine traduzida por Bocage.*

Agora, a mesma fábula dentro da versão de Sérgio Capparelli, adentrando no  
 Esopo:

### **A cigarra, a formiga e o esopo**

A formiga havia carregado os restos de um besouro para o formigueiro e estava muito cansada. Foi se queixar a Esopo.

- Não aguento mais, Esopo! – disse a formiga. – Essa cigarra canta o tempo todo, enquanto eu trabalho.

Esopo perguntou:

- Já leu o que eu escrevi? A cigarra vai morrer de frio no inverno.

- Tem certeza?

- Está na moral da fábula, formiga! Se quiser saber mais, leia o livro.

No outro dia, a cigarra subiu no alto de um pessegueiro, olhou para um lado, para o outro e soltou a voz. Nesse momento passava por ali um representante da indústria de discos.

Ele exclamou:

- Que belíssimo canto! Que voz maravilhosa!

A cigarra fez um teste como intérprete de música popular, teve seu nome aprovado e assinou um contrato milionário.

Ao saber disso, a formiga irritou-se ainda mais e foi procurar Esopo novamente. Ele desculpou-se:

- Sinto muito pelo acontecido. Nem sempre as coisas acontecem segundo minhas previsões ou segundo a moral de fábulas.

Não se deve confiar muito em moral de fábula.

### **3.4. Uma proposta didática para o trabalho com fábulas**

Neste capítulo, apresentamos uma proposta didática para o trabalho com oralidade e letramento com base nas fábulas recontadas por Sérgio Capparelli. Acreditamos que essa proposta é capaz de promover a oralidade e o letramento de maneira lúdica, permitindo que os alunos se envolvam nas leituras e desenvolvam o gosto pelo ato de ler.

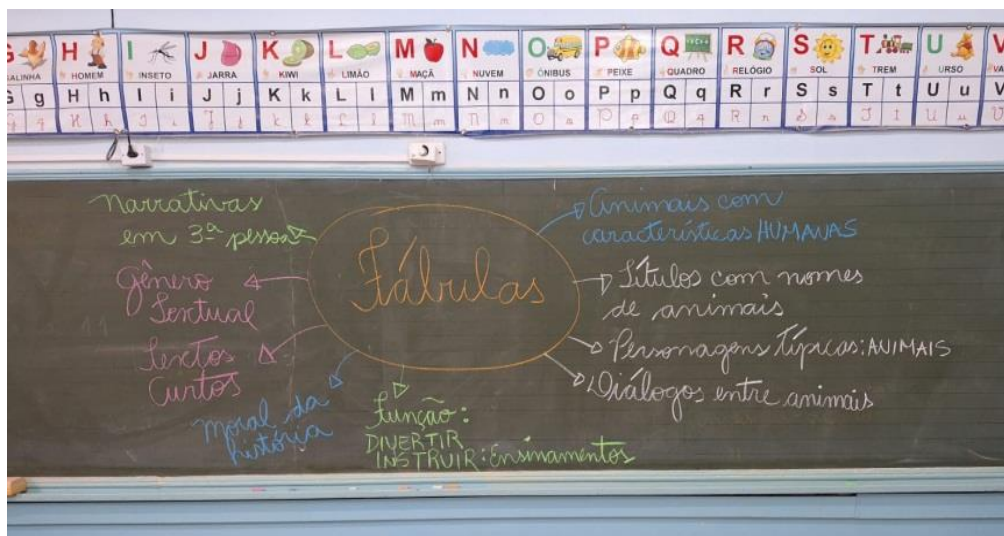


Figura 10 – Estudando as fábulas  
Fonte: Elaborada pela Autora

A estrutura das fábulas tem sido adaptada em diversas versões e reinterpretações, configurando-se como uma narrativa altamente versátil. Essa versatilidade permite que as fábulas se apresentem em diferentes formatos, como no cinema, sem que suas características fundamentais sejam comprometidas. Marcuschi e Dionísio (2007 p.8) afirmam:

É certo que a escola existe para ensinar a leitura e escrita e estimular o cultivo da língua nas mais variadas situações de uso. Mas como a criança, o jovem ou o adulto já dominam a língua de modo razoável e eficiente quando chegam na escola, esta não pode partir do nada. Isso justifica que se tenha uma ideia clara dessa competência oral para partir dela no restante do trabalho com a língua. A escola não vai ensinar a língua como tal, e sim usos da língua em condições reais e não triviais da vida cotidiana. Em si não haveria necessidade de justificar o trabalho com a oralidade em sala de aula, pois parece natural que isso deva ocorrer. O espantoso é que se tenha demorado tanto para chegar a esse reconhecimento.

As fábulas podem ser entendidas como textos que nos conectam com a realidade e estimulam a reflexão sobre os personagens e suas vivências ao longo da narrativa. Essas histórias frequentemente introduzem as crianças aos valores e à cultura da sociedade em que estão inseridas, apresentando enredos que refletem situações do cotidiano. Além disso, as fábulas desempenham um papel crucial na transmissão de valores fundamentais para as relações sociais, como ética, amizade, respeito às diferenças, humildade e generosidade. Por essa razão, podemos afirmar que as fábulas são ferramentas eficazes do ponto de vista didático e pedagógico, pois abordam conflitos que fazem parte da vida em sociedade de maneira lúdica e

acessível.

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (BRASIL, 1998, p. 27).

Uma característica marcante desse gênero discursivo é a presença da "Moral da história", que oferece uma interpretação ou reflexão breve sobre a narrativa, geralmente apresentada após o clímax da história.

De acordo com Bagno (2002), as fábulas podem fomentar discussões enriquecedoras sobre temas como solidariedade, injustiça social, vaidade, ganância, desejo de vingança e autoritarismo.

Dentro desse contexto escolheu-se trabalhar com os alunos já mencionados as fábulas por Capparelli, realizando-se uma dinâmica lúdica e divertida, na qual os educandos puderam trocar experiências, aprendendo e exercendo o respeito ao colega.



Figura 11 – Entrando em contato com as fábulas  
Fonte: Elaborada pela Autora

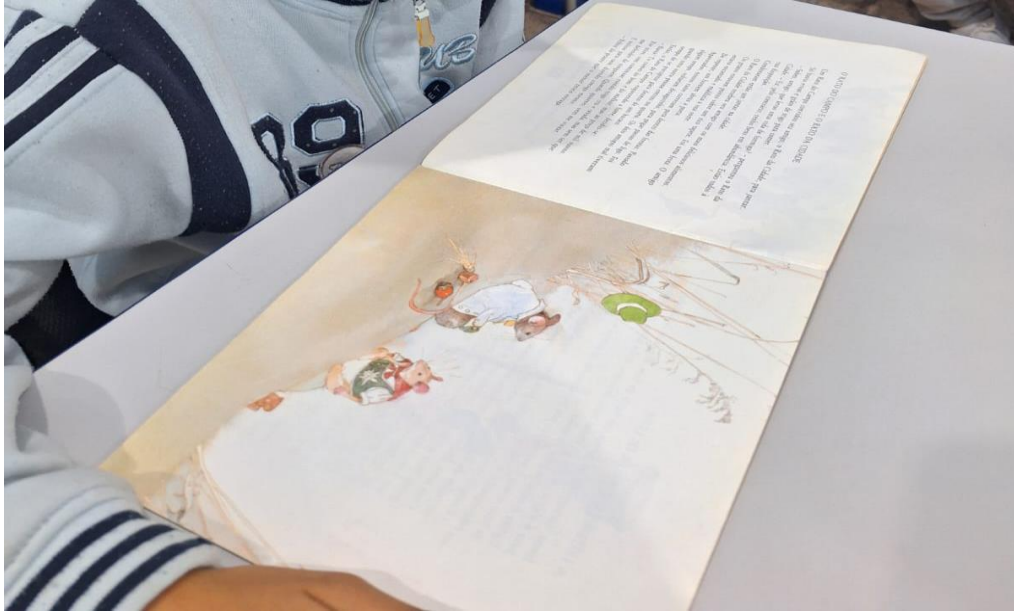


Figura 12 – Entrando em contato com as fábulas  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 13 – Entrando em contato com as fábulas  
Fonte: Elaborada pela Autora

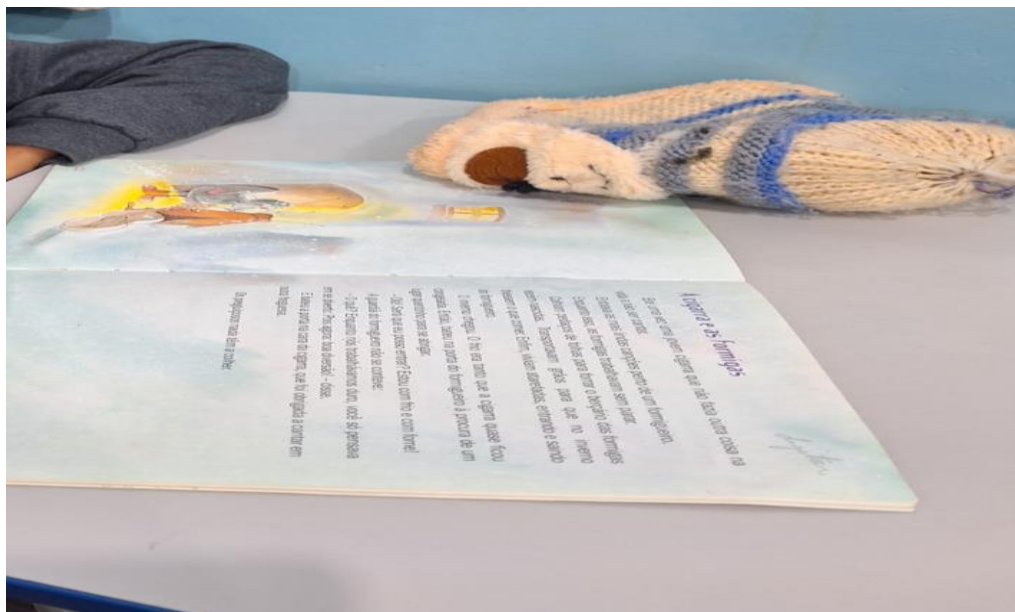


Figura 14 – Entrando em contato com as fábulas  
Fonte: Elaborada pela Autora

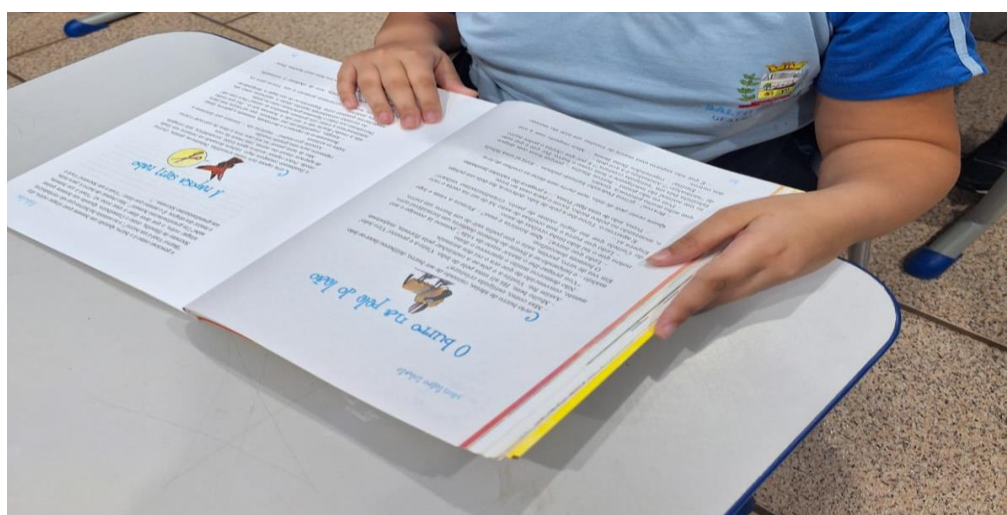


Figura 15 – Entrando em contato com as fábulas  
Fonte: Elaborada pela Autora

Inicialmente, os alunos puderam ter contato com os livros contendo diversas fábulas de Esopo. Esse contato facilitou a compreensão aprofundada das particularidades desse gênero textual, e eles observaram a capacidade inerente das fábulas de veicular ensinamentos morais e sua relevância para a vida prática.

Considerando que os alunos vivenciaram o período da pandemia de Covid-19 durante a fase de alfabetização, acredita-se que o trabalho inicial com fábulas se mostra particularmente relevante para despertar neles o interesse pela leitura, por serem histórias que podem ser percebidas como atraentes e envolventes. A especificidade da experiência pós-pandêmica intensifica a necessidade de

abordagens lúdicas e cativantes, mas a capacidade das fábulas de engajar leitores transcende esse contexto, sendo eficazes para qualquer turma no fomento ao gosto pela leitura.

Escolher um horário apropriado para a contação de histórias foi essencial, pois as crianças tendem a estar mais atentas e receptivas especialmente após o lanche da manhã ou da tarde. Um ambiente tranquilo e acolhedor, livre de distrações, também foi ideal para essa atividade. É fundamental ter uma variedade de livros infantis acessíveis, permitindo que as crianças explorem as obras antes, durante ou após a contação, o que incentiva o interesse pela leitura e a descoberta de novas narrativas.

O uso de um avental com velcro pode ser uma ferramenta útil, permitindo que os personagens sejam fixados à medida que a história se desenrola, estimulando a participação ativa e a imaginação dos pequenos. Além disso, caixas contendo personagens das histórias em forma de fantoches ou dedoches podem ser exploradas pelas crianças, possibilitando que criem suas próprias encenações e recontos interativos das histórias.

Durante a prática de leitura considerou-se realizá-la de maneira lúdica e deixando que os alunos se envolvessem ativamente, sem medos.



Figura 16 – Os alunos (suas identidades preservadas)  
Fonte: Elaborada pela Autora

Nesta atividade, o professor desempenhou o papel de mediador, auxiliando os alunos a compreenderem as relações entre a fala, a escrita e as imagens. Após a leitura da fábula "A Cigarra, a Formiga e o Esopo", foi organizada uma roda de conversa, proporcionando às crianças um espaço para compartilhar suas interpretações e ideias sobre a história. Essa dinâmica não apenas favoreceu o

desenvolvimento da oralidade e da empatia, mas também contribuiu para a formação integral dos participantes ao promover diversas habilidades.

Foi proveitoso explorar com os alunos os cinco elementos da narrativa: personagens, cenário, tempo, ação e moral. Essa abordagem estimula a oralidade, comunicação, reflexão, criatividade e ludicidade, além de desenvolver segurança e motivação nas crianças. Ao explorar a estrutura da narrativa das fábulas, não visamos apenas formalismos, mas sim oferecer um arcabouço para a interpretação consciente e a criação de novas versões. Assim, a compreensão do gênero potencializa a produção textual e a interação significativa com a linguagem.



Figura 17 – O aluno e a fábula  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 18 – O aluno e a fábula  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 19 – A aluna e a fábula  
Fonte: Elaborada pela Autora

Ao utilizar recursos expressivos e deixar o aluno participar, o professor pode possibilitar a interpretação de cada um, a identidade de cada um, como a modulação da voz, gestos e expressões faciais ao narrar fábulas, ele estabelece um ambiente imersivo e envolvente que capta a atenção de quem estiver próximo. Essa estratégia não apenas estimula a imaginação das crianças, mas também as transporta para um universo repleto de histórias e personagens intrigantes.

A fábula, por apresentar uma linguagem acessível e envolvente, facilita o engajamento dos alunos, inclusive daqueles com dificuldades. Além disso, contribui para o desenvolvimento da expressividade, tornando o aprendizado um processo leve e divertido. (ABRAMOVICH, 2008).

As fábulas oferecem aos educandos a oportunidade de reconhecer as diversas funções sociais da leitura, estimulando uma maior compreensão do mundo ao seu redor, facilitando o domínio da linguagem formal. Adicionalmente, a estrutura das fábulas carrega significados profundos e relevantes, inserindo-se em uma prática social que torna o processo de ensino-aprendizagem mais assertivo e contextualizado. Isso permite uma comunicação eficaz e enriquece a experiência do aluno.

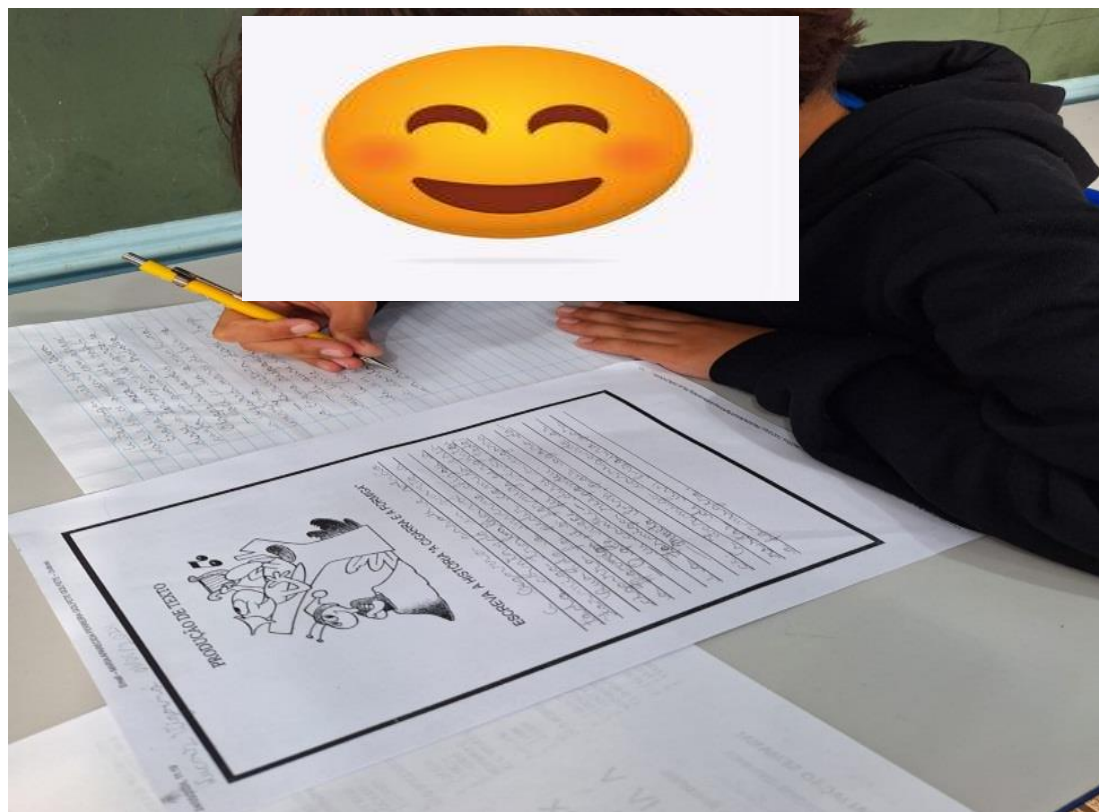


Figura 20 – A reescrita como produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora

Após um trabalho efetivo e longo com a reescrita da fábula "A Cigarra e a Formiga", o professor alcança um resultado duplo: os alunos transmitem com segurança as impressões que tiveram, ao mesmo tempo em que desenvolvem motivação para escrever e ler. Essas ações são indissociáveis, complementando-se mutuamente.

Trabalho retornado Santos, Curitiba, 1/5/01

## A cigarra, a formiga e o Erópo

A formiga, avia levado os restos de besouro, para a formigueira, e estava muito cansada, e foi recda com o Erópo

- Não aguenta mais Erópo disse a formiga - Enquanto canta o tempo todo enquanto trabalha.

O Erópo perguntou

- Já leu o que eu escrevi na cigarra vai morrer de frio no inverno!

- Tem certeza

- Esta na moral da História, se quiser saber mais leia o livro.

No outro dia a cigarra subiu no pessegueiro, olhou pra-la olhou pra-cá e começou a cantar. nesse momento passou um apresentador de rádio:

- Que belíssima canto!

A cigarra fez um teste e foi aprovada, e assinou um contrato milionário

Co saber disso ficou irritada, e foi atrás do Erópo.

Ele derupouse:

- sinto muito, nem sempre as coisa acontecem como minha previsões

Nem sempre devemos confiar muito em moral (Sergio Capparelli)

Figura 21 – A reescrita como produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora

A análise da reescrita da fábula "A Cigarra e a Formiga" por um aluno revelou engajamento significativo e uma leitura ativa, mesmo com desafios na norma culta. Seu manuscrito demonstra uma notável tentativa de construir sentido original. Esse sucesso sugere que a fábula, por sua familiaridade e clareza, é um gênero promissor para alunos com dificuldades na escrita. A simplicidade estrutural e a moralidade intrínseca das fábulas facilitaram o processo nesse caso específico, embora outros gêneros ofereçam benefícios distintos.

É importante destacar, primeiramente, que o aluno não se limitou a reproduzir mecanicamente a história. Ao contrário, ele demonstra ter internalizado a essência da subversão da moral tradicional, compreendendo a possibilidade de um desfecho alternativo onde o talento da cigarra é valorizado. Essa capacidade foi proporcionada pelo uso da fábula, especialmente pela forma como ela foi trabalhada, oferecendo assim, o terreno fértil para que o aluno exercitasse essa autonomia crítica.

É possível observar, ainda, a dedicação do aluno em transcrever a narrativa, mesmo que seu processo de codificação da escrita esteja em desenvolvimento. As falhas de grafia, embora presentes, não obscurecem a sua compreensão da sequência dos eventos e da mensagem central da adaptação. Podemos encarar esses desvios não como erros isolados, mas como janelas para o seu processo cognitivo, revelando as hipóteses que ele formula sobre a escrita e os sons da língua.

A reinterpretação da figura da cigarra como um artista talentoso, em contraposição à visão tradicional de preguiçosa, sugere uma leitura empática e uma abertura para reconhecer diferentes formas de valor e sucesso. O aluno demonstra sensibilidade ao captar essa nuance da adaptação, rompendo com julgamentos simplistas e construindo uma compreensão mais complexa dos personagens.

A reprodução da nova moral, explicitada na frase final atribuída a Sérgio Capparelli, indica que o aluno não apenas compreendeu a mensagem, mas provavelmente a internalizou, demonstrando uma capacidade de refletir sobre a natureza das morais e a importância de não as encarar como verdades absolutas.

Portanto, ao invés de focar apenas nas dificuldades formais da escrita, minha análise se volta para o potencial intelectual e a capacidade interpretativa demonstrados pelo aluno. Este manuscrito é um testemunho do seu engajamento ativo com a leitura e da sua tentativa de construir um significado pessoal a partir do texto. As falhas de grafia, nesse contexto, tornam-se um ponto de partida para um trabalho pedagógico mais direcionado, onde podemos explorar as convenções da

escrita sem desvalorizar a riqueza da sua interpretação e a originalidade do seu pensamento.

Meu papel, agora, é acolher essa produção como uma etapa importante no seu processo de aprendizagem, oferecendo as ferramentas necessárias para o aprimoramento das suas habilidades de escrita, ao mesmo tempo em que celebro a sua capacidade de leitura crítica e a sua disposição para explorar novas perspectivas sobre narrativas conhecidas.

Este aluno não apenas leu uma história; ele a reinterpreto e a fez sua, demonstrando um potencial valioso para o desenvolvimento de uma competência leitora verdadeiramente significativa.

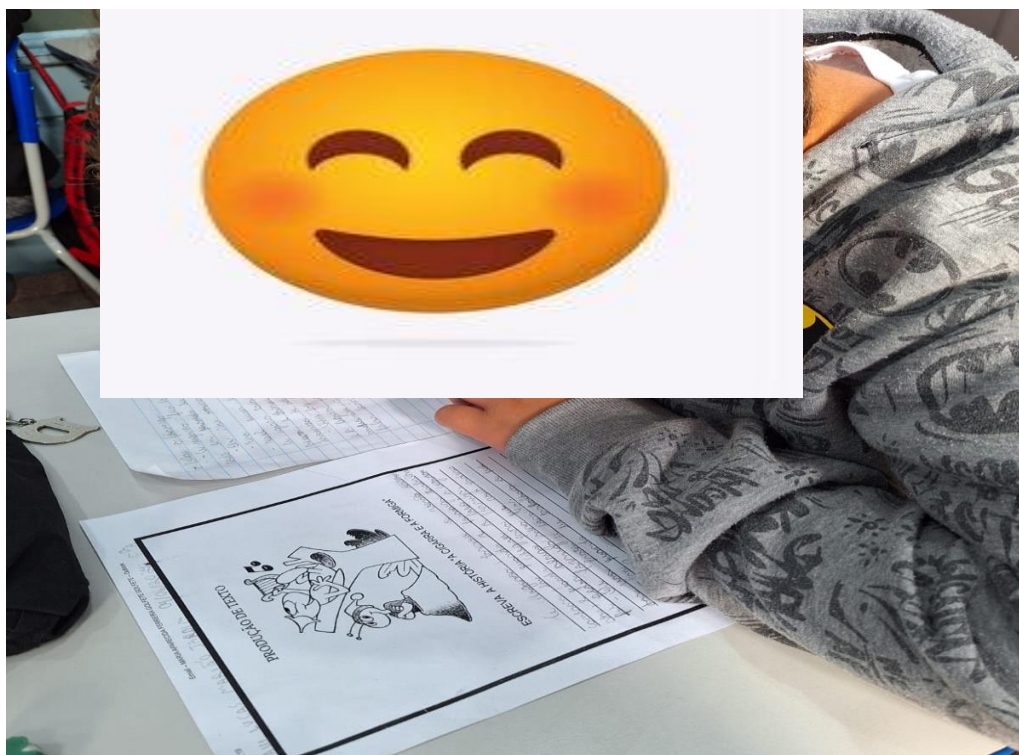


Figura 22 – A reescrita como produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora

Assim, o professor, ao reconhecer esses aspectos, pode reforçar e direcionar suas estratégias pedagógicas para valorizar a interpretação do aluno (mesmo que imperfeita na forma) e utilizar as dificuldades como oportunidades para o ensino da norma culta e para o aprofundamento da reflexão sobre a linguagem e a literatura.

Dessa forma, a reescrita se torna, assim, um valioso artefato do processo de aprendizagem, revelando o caminho percorrido pelo aluno na construção de significado e no desenvolvimento de um olhar mais crítico e sensível sobre o mundo das histórias.

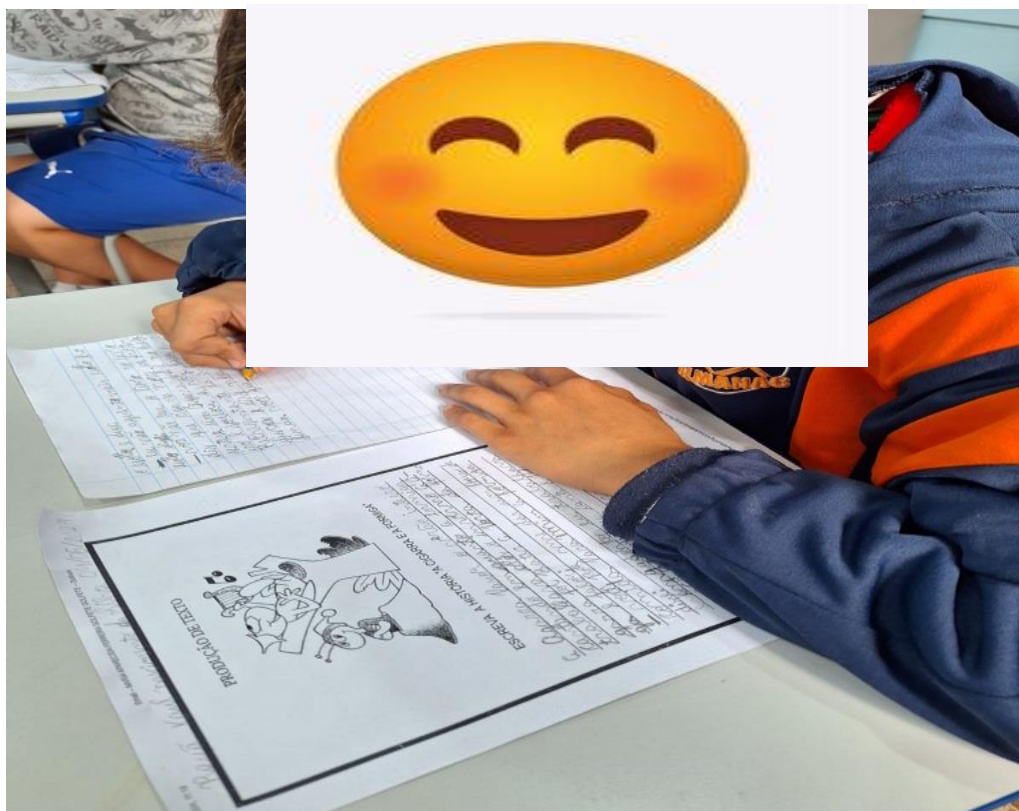


Figura 23 – A reescrita do produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora

A atividade de leitura promovida pelo gênero fábula pode ser fundamental para que o aluno absorva novos valores e compreenda diferentes culturas. Esse tipo de leitura não apenas estimula a reflexão sobre suas próprias crenças, mas também enriquece a imaginação e desperta o interesse por novas obras literárias.

Portanto, é fundamental incentivar o aluno a explorar e compreender o que se encontra subjacente a cada fábula, identificando os valores que elas transmitem e as lições que podem ser extraídas para a vida.

Esse processo pode despertar nele o interesse pela leitura e pela escrita, além de estimular sua criatividade na criação e produção de narrativas fictícias, assim como o gosto de Capparelli que preferia o fictício.

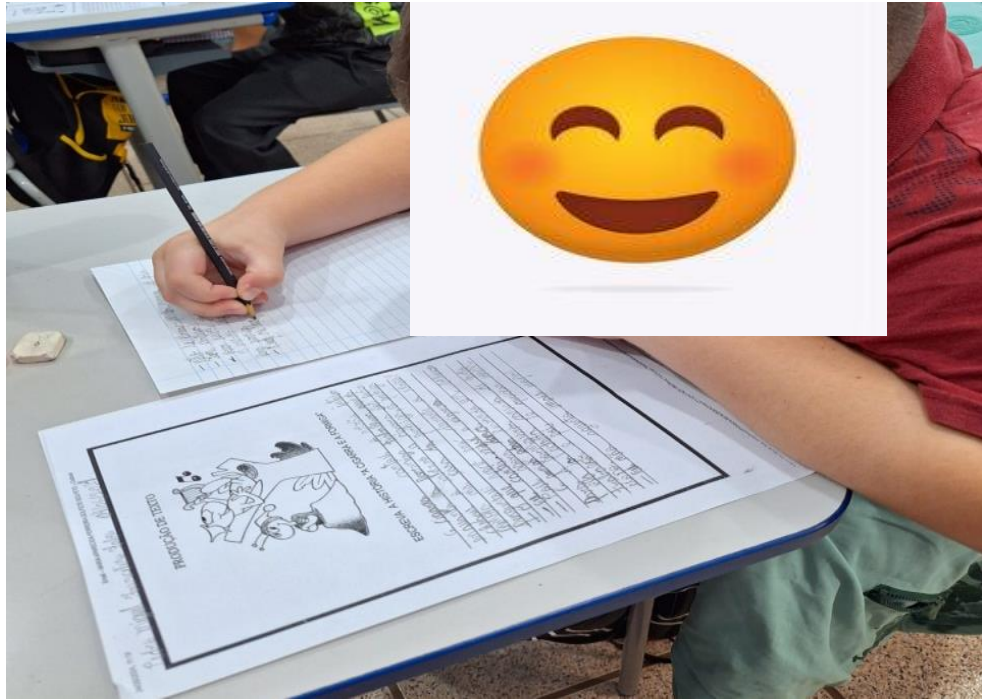


Figura 24 – A reescrita do produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 25 – A reescrita do produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 26 – A reescrita do produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora

A reescrita consiste em uma produção textual que se baseia na versão anterior, mas não se limita a reproduzir o conteúdo de forma idêntica. Ao reescrever, o educando tem a oportunidade de criar um novo texto, expressando suas ideias de maneira contemporânea, criativa e de acordo com sua própria identidade. Dessa forma, ele pode reinterpretar os fatos abordados, trazendo sua subjetividade para a composição.



Figura 27 – A reescrita do produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora

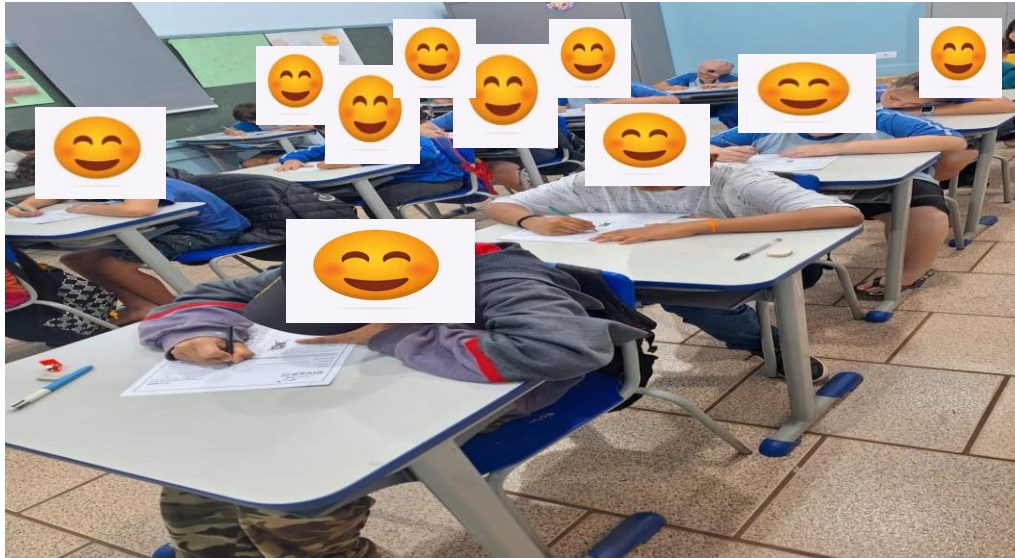


Figura 28 – A reescrita do produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 29 – A reescrita do produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 30 – A reescrita do produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora



Figura 31 – A reescrita do produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora

Portanto, reescrever um texto significa criar uma nova apresentação das mesmas ideias ou informações encontradas no original, por meio de uma reelaboração textual. Esse processo abrange a reconfiguração da escolha vocabular, a alteração da estrutura sintática e da ordem das frases, e a adequação do tom e do estilo à intencionalidade do reescritor ou a um novo contexto comunicativo.

Ao fazer isso, busca-se elevar a qualidade textual, que abrange aspectos como clareza, concisão, coerência e adequação ao propósito comunicativo, tornando-o mais interessante e cativante. Fundamentalmente, reformular é compreender a mensagem original e, então, expressá-la novamente com seu próprio modo de escrever, mantendo intacto o sentido principal.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Analisando a prática dentro do trabalho realizado, percebeu-se que o gênero textual fábula se mostra um importante aliado no processo de aprendizagem, podendo ocorrer de maneira divertida.

Para Bakhtin (2003, p.289-290), esse processo de reescrita é definido como um encontro do “eu-escritor” com o “tu-(re)escritor” no contexto de uma “cadeia da comunicação verbal”, ou seja, transcende a mera recepção e atinge princípios de compreensão. Dessa forma, a (re)escrita pode ser entendida como uma maneira de explorar a função social da linguagem, uma vez que esse aspecto é abordado pelo autor do diálogo.

No início do ano letivo, como professora da sala, constatei que os alunos do 5º ano (sala em que eu lecionava) apresentavam dificuldades significativas em Língua Portuguesa e Matemática. Embora a leitura fosse praticada regularmente, a produção textual precisava de estrutura e pontuação.

Como explicitado anteriormente, dos 23 alunos, 6 possuíam laudo de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), para os quais o planejamento pedagógico considera suas particularidades, apesar das notórias dificuldades de aprendizagem e desinteresse pelas atividades.

Tendo em vista as especificidades da sala, o suporte de uma estagiária foi crucial para o desenvolvimento da turma. Para promover o avanço, foram implementadas atividades diversificadas, que culminaram em resultados muito satisfatórios.

Todo o planejamento das atividades considerou os diferentes níveis de aprendizagem da turma. Anteriormente, apesar da prática regular de leitura, a produção textual carecia de estrutura e pontuação. Com a inserção das fábulas como mediadoras do desenvolvimento da oralidade e da escrita, observou-se um fator determinante para o progresso dos alunos.

Inicialmente, distribuí uma lista de fábulas para que os alunos assinalassem aquelas que já conheciam, buscando identificar seus conhecimentos prévios.

Após a leitura de algumas fábulas em sala de aula, seguida de debates para verificar a compreensão, foram distribuídos textos individuais para que cada criança

pudesse praticar a leitura em voz alta em casa. O foco dessa atividade era aprimorar aspectos como entonação, respeito à pontuação, clareza na dicção e fluência.

Em sala de aula, a leitura em voz alta foi novamente proposta para consolidar a clareza, a fluidez e a adequação da pronúncia à norma culta, aspectos que, previamente, demandavam aprimoramento por parte dos alunos. Somente após essas etapas preparatórias, os alunos iniciaram o processo de reescrita.

#### REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

EM UM DIA NO BOSQUE TINHA CIGARRAS CANTANDO. MAS DO LADO DELAS TINHA UM VARIAS FORMIGAS CARREGANDO VARIOS PEDACINHOS DE TRIGO POIS ESTAVA VINDO UMA NEVASCA MUITO FORTES OS CIGARRAS SABIAM E FALARAM: NOSSA PORQUE AS FORMIGAS ESTAM COM TANTA PRESSA. AI DEPOIS DE UMS MINUTOS AS FOLHAS DAS ARVORES COMESARAM A CAIR E AS CIGARRAS NEM TAVAM WIGANDO ATÉ QUE CHEGOU UM INTONO ENORME E TODOS SAIRAM VAZADO. ZUMMMMM. E AS FORMIGAS NEM ESTAVAM WIGANDO PORQUE ELAS ESTAVAM PROTEGIDAS E WA' FORA, TINHA UMA FORMIGA FAZENDO UMA FACHINA ATÉ QUE DUNADA APARECEU UMA CIGARRA E FALOU: PORFAVOR DEIXEME ENTRAR EU ESTOU COM GRIPE E NÃO CONCIGO CANTAR. A FORMIGA INDIGINADA DEIXOU ELE ENTRAR. E QUANDO AQUIBOU A NEVE A CIGARRA SAIU DELA SARADA E CANTO MUITO FELIZ COM A BONDADDE DA QUEHA FORMIGA.

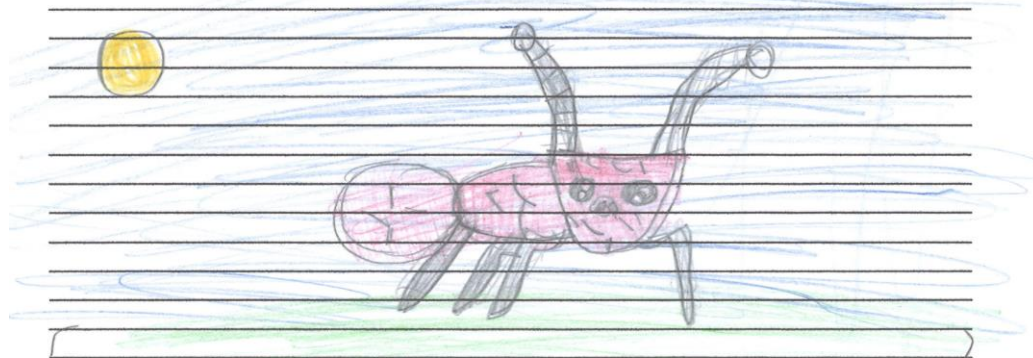


Figura 32 – A reescrita como produto final  
Fonte: Elaborada pela Autora

Nessa reescrita da fábula "A Cigarra e a Formiga" o aluno mantém a essência da fábula clássica, mas introduz diferenças marcantes na narrativa.

Inicialmente, as cigarras cantam despreocupadamente, enquanto as formigas trabalham arduamente para armazenar comida antes da chegada da nevasca. Quando o frio intenso chega, as cigarras, despreparadas, buscam abrigo.

A principal mudança em relação à versão tradicional é a presença de uma formiga generosa, que, apesar de estar protegida e ocupada com suas tarefas, decide ajudar uma cigarra gripada e incapaz de cantar.

Após o derretimento da neve, a cigarra se recupera e canta alegremente, grata pela bondade da formiga.

A moral extraída dessa reescrita destaca a importância da compaixão, da solidariedade e da ajuda ao próximo em momentos de necessidade. Essa versão traz uma perspectiva mais humanizada e empática, contrapondo-se à visão punitiva da história original, que enfatiza a autossuficiência e as consequências da falta de planejamento.

Assim, nesta releitura, percebe-se a leveza da linguagem característica de Capparelli, que propõe uma visão mais aberta e reflexiva sobre a moral tradicional, estimulando o desenvolvimento do pensamento crítico em vez de uma única interpretação inflexível. Essa abordagem conduz a criança a refletir sobre suas próprias ações e sua realidade.

A análise do trabalho permitiu observar que, ao utilizar fábulas como recurso pedagógico, é possível fomentar o desenvolvimento das habilidades de linguagem oral e escrita nas crianças.

Por meio da leitura e da narração dessas histórias, os alunos têm a chance de enriquecer seu vocabulário, aprimorar suas capacidades de expressão oral e entender diversas estruturas narrativas.

Ademais, a inclusão de ilustrações nas fábulas torna a leitura mais envolvente e divertida. As imagens desempenham um papel fundamental na compreensão da história, facilitando a visualização de personagens e acontecimentos. Elas complementam o texto, ajudando as crianças a estabelecer conexões entre a linguagem escrita e a visual, o que, por sua vez, amplia sua compreensão da narrativa.

Porém, em uma sala de aula diversificada, onde ainda se manifestam os impactos negativos da pandemia, alguns alunos enfrentam essas dificuldades de maneira mais intensa que outros.

Essa situação pode ser decorrente da falta de acesso à internet e a dispositivos adequados, da fragilidade da infraestrutura tecnológica em algumas escolas, de dificuldades socioeconômicas familiares, da adaptação desafiadora ao ensino remoto ou da ausência da interação social cotidiana com colegas e professores.

Tais fatores deixaram sequelas que persistem e exigirão atenção e investimento contínuos a longo prazo.

REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

INVERA UMA VES UMA SIGARA  
 QUE VIVIA CANTANDO MAS O INVE  
 RNO ESTAVA CHEGANDO AS FORMI  
 GAS RECOLHIA O MAXIMO DE TRI  
 GO PARA O INVERNO AI QUANDO  
 O INVERNO CHEGOU AS SIGARA  
 NA Tinha MAIS COMIDA PARA  
 SE ALIMENTAR. AI ASIGARA  
 FOI PEDIR AJUDA PARA AS FOR  
 MIGAS. IAS FORMIGAS AJUDARAO  
 A SIGAR AI ASIGARA APREN  
 DEU QUE CANTAR NAO VAI  
 AJUDAR EM NADA.

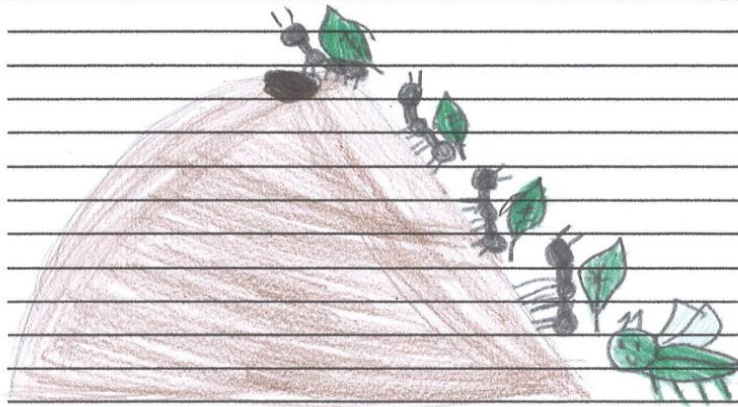


Figura 33 –A reescrita como produto final  
 Fonte: Elaborada pela Autora

Esta reescrita ilustra as dificuldades frequentemente encontradas por professores no período pós-pandemia. O aluno demonstra diversos erros de grafia e ortografia, além de problemas na segmentação de palavras, evidenciando desafios significativos nas habilidades de escrita.

No entanto, é crucial reconhecer os aspectos positivos presentes, como a compreensão elementar da narrativa e da ordem dos acontecimentos, a capacidade de recontar a história com sua própria linguagem, a identificação da existência de uma

moral na fábula, o desenvolvimento da habilidade de escrita (apesar das limitações) e o envolvimento com a história por meio da ilustração.

Esses pontos indicam que o aluno está em processo de desenvolvimento da compreensão textual e das habilidades de escrita, evidenciadas no desenvolvimento da habilidade motora fina e na tentativa de transcrever seus pensamentos para a escrita. A frase final "DEU QUE CANTAR NAO VAI AJUDAR EM NADA" revela que o aluno entendeu que a fábula possui uma lição ou ensinamento, demonstrando a percepção de que há uma mensagem a ser extraída da história.

Seguindo essa linha de raciocínio podemos concluir que a fábula serviu como um estímulo para essa aprendizagem.

Após a reescrita da fábula "A Cigarra e a Formiga", alguns textos foram selecionados para revisão. O texto em questão passou por esse processo, sendo revisado e reescrito com o objetivo de corrigir desvios da norma culta (como problemas de ortografia, pontuação, concordância e regência) e aprimorar sua clareza e compreensão, bem como a coesão e coerência textual. Essa etapa de revisão e reescrita mostrou-se fundamental para o desenvolvimento das habilidades de escrita presentes no texto analisado.

Inicialmente, realizou-se uma leitura atenta e em voz alta, o que auxiliou na identificação de problemas de fluidez, ritmo e desvios da norma culta que poderiam ter passado despercebidos. Foram identificadas palavras com grafia incorreta, como "SIGARA" (em vez de CIGARRA), "MACIMO" (em vez de MÁXIMO) e "ASI GARA APBEN" (em vez de A CIGARRA APRENDEU); problemas de segmentação, como em "CANTANDOMMAS" (o correto seria CANTANDO, MAS), "OINVE" (o certo seria O INVERNO) e "SEA ALIMENTAR" (o certo seria SE ALIMENTAR); além da ausência de vírgulas, pontos finais e problemas de concordância.

Na reescrita, buscou-se empregar a ortografia correta, segmentar as palavras de maneira adequada, inserir a pontuação necessária (vírgulas e pontos finais) e utilizar conectivos para estabelecer uma ligação mais fluida entre as ideias, resultando na seguinte sugestão:

"ERA UMA VEZ UMA CIGARRA QUE VIVIA CANTANDO. MAS O INVERNO ESTAVA CHEGANDO, AS FORMIGAS RECOLHIAM O MÁXIMO DE TRIGO PARA O INVERNO. AÍ, QUANDO O INVERNO CHEGOU, A CIGARRA NÃO TINHA MAIS COMIDA PARA SE ALIMENTAR. ENTÃO, A CIGARRA FOI PEDIR AJUDA PARA AS

FORMIGAS. AS FORMIGAS AJUDARAM A CIGARRA ALI. A CIGARRA APRENDEU QUE CANTAR NÃO VAI AJUDAR EM NADA."

Os textos que foram reescritos e passados a limpo foram fixados nos murais do corredor da escola para leitura e conhecimento de todos.

Como se pode observar nas fotos, desde o início com a apresentação do conceito de fábula, constatam-se avanços significativos, principalmente pelo engajamento e envolvimento da maioria dos educandos. Pois, "fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa" (DEZOTTI, 2018, p. 20).

[...] o objetivo é que os alunos tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção de textos, o conteúdo a ser ensinado deverá ter procedimentos de revisão [...]. A seleção deste tipo de conteúdo já traz, em si, um componente didático, pois ensinar a revisar é completamente diferente de ensinar a passar a limpo um texto corrigido pelo professor. No entanto, mesmo assim, ensinar a revisar é algo que depende de se saber articular o necessário – em função do que se pretende – e o possível – em função do que os alunos realmente conseguem aprender num dado momento. Considerar o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático para todo professor que pretende ensinar procedimentos de revisão quando o objetivo é muito mais do que a qualidade da produção – a atitude crítica diante do próprio texto (BRASIL, 1997, p. 55).

Em sintonia com essas ideias, pode-se afirmar que a revisão e a reescrita de um texto transcendem a simples correção de erros gramaticais. Trata-se de um processo reflexivo que permite repensar a escrita, identificando possíveis desvios da norma culta e aprendendo com as experiências adquiridas ao longo da reescrita.

O professor, ao trabalhar as diferentes possibilidades de leitura e oferecer textos variados aos alunos, possibilitou que as crianças desenvolvessem autonomia na leitura. Nesse processo, elas aplicaram estratégias de leitura; formularam hipóteses sobre o conteúdo, inferiram informações implícitas e anteciparam o que encontrariam no texto.

Ao considerar que os alunos podem se valer de diversos recursos, como as imagens de um texto, seus conhecimentos prévios sobre o assunto e o reconhecimento de palavras familiares, e ao oferecer intervenções pontuais sem comprometer o prazer da atividade, valorizamos suas produções, incentivamos a busca pela excelência e promovemos a sua segurança.

Desse modo, a compreensão das variadas possibilidades pedagógicas do conteúdo e da leitura para as crianças, aliada ao reconhecimento de suas estratégias

e das intervenções que impulsionam seu avanço, potencializa inegavelmente para uma alfabetização mais completa.

As fábulas exercem um papel significativo no desenvolvimento da expressão oral, proporcionando aos alunos a oportunidade de experimentar diferentes vozes, entonações e modos de falar, enriquecendo suas habilidades linguísticas. Ademais, a interpretação dos gestos e movimentos dos personagens estimula a expressão corporal, promovendo a exploração de suas capacidades motoras e expressivas, tudo de forma lúdica.

Nesse sentido, a literatura infantil é, antes de qualquer coisa, arte pura: uma expressão da criatividade que usa a palavra para representar o mundo, o ser humano e a vida. Nela, os sonhos se unem à realidade prática, o imaginário se encontra com o concreto, e os ideais confrontam suas chances de se tornarem reais (COELHO, 2000).

Diante do exposto, constata-se que o trabalho com a literatura infantil, especialmente a fábula, fomenta nos alunos a empatia, a generosidade e a interação social ativa e amigável em grupos de estudo. Promove, ainda, uma troca comunicativa assertiva, que se reflete na argumentação, na dramatização dos personagens, na elaboração do cenário e na construção da moral implícita ou explícita presente no texto.

Nas imagens captadas durante a realização da atividade, fica evidente o engajamento e a satisfação dos alunos ao realizarem a leitura das fábulas. Cada um, à sua maneira, demonstrava respeito mútuo e sentia-se valorizado e capaz. A leitura e a reescrita ocorrem de forma divertida, o que também contribui para o processo de aprendizagem.

A leitura de um bom livro, particularmente no gênero fábula, proporciona aos alunos uma sensação de segurança ao se exporem a diversas emoções, que variam de acordo com o contexto da narrativa.

A imaginação, a fantasia, as reflexões e as indagações se entrelaçam com as vivências do educando, permitindo que ele mergulhe na história e a vivencie como se sua própria vida estivesse sendo narrada.

Além disso, a fábula se caracteriza por ser uma narrativa curta com personagens animais antropomorfizados que dialogam de forma divertida com a imaginação dos alunos.

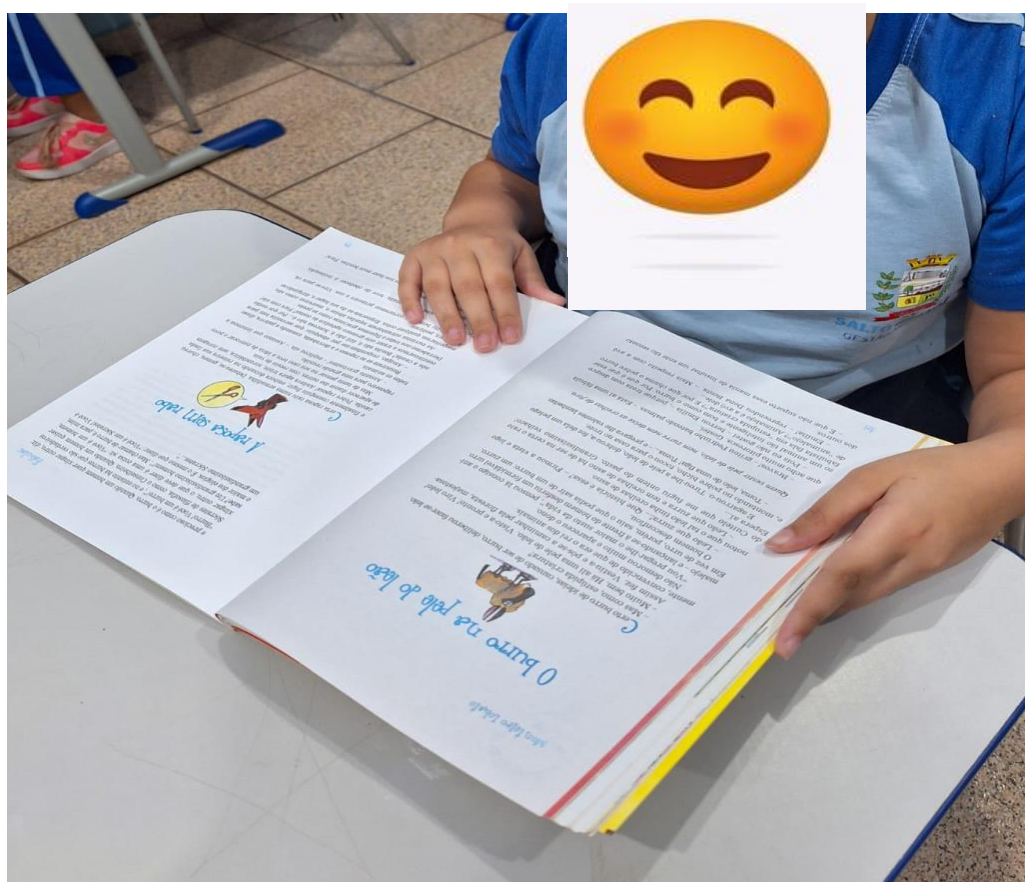


Figura 34 – Leitura do livro  
Fonte: Elaborada pela Autora

Observando a imagem da criança concentrada na leitura do livro ilustrado, podemos inferir que a fábula, como gênero literário, apresenta-se como um discurso alegórico que não apenas facilita a compreensão da narrativa, mas também estimula a capacidade de interpretação do jovem leitor. Ao se deparar com a história, a criança assume um papel ativo, buscando estabelecer conexões significativas entre os eventos descritos nas páginas e a sua própria realidade.

Dessa forma, a leitura da fábula, como apontado por Dezotti (2018), configura-se como um recurso valioso para exercitar a competência argumentativa, incentivando o aluno a explorar as diversas possibilidades de significado contidas no texto.

A relevância da utilização desse gênero literário na formação de leitores infantis, como os representados na imagem, é inegável, pois permite que os alunos discutam sobre aspectos socioculturais de uma maneira que lhes é mais acessível e agradável. A presença da moral ao final de cada fábula oferece à criança a

oportunidade de tentar desvendá-la, utilizando elementos presentes no próprio texto, o que torna a atividade divertida e lúdica.

Assim, como destacou Dezotti (2018) referindo-se aos antigos gregos, a fábula, antes de ser rotulada como *mythos*, era denominada *ainos*, um termo relacionado a *ainigma*, que deu origem à nossa palavra "enigma". Essa denominação sugere que a narrativa revela sua condição alegórica, cujo sentido é apreendido por meio de um esforço interpretativo por parte do leitor.

Uma marca peculiar da fábula, que a distingue de outros gêneros literários, é sua capacidade de refletir as intrincadas nuances do comportamento humano. Suas narrativas apresentam um amplo espectro das interações sociais, abrangendo tanto os aspectos positivos quanto os negativos.

Essa particularidade possibilita que cada aluno estabeleça alguma conexão pessoal com as situações retratadas, identificando elementos de sua própria vivência ou de seu contexto familiar nas tramas, o que espontaneamente estimula o interesse pela leitura desse tipo de texto.

As fábulas, portanto, são um quadro onde cada um de nós se acha descrito. O que elas nos apresentam confirma os conhecimentos hauridos em virtude da experiência pelas pessoas idosas e ensina às crianças o que convém que elas saibam. E como estas são recém-chegadas neste mundo, não devemos deixá-las nessa ignorância senão durante o menor tempo possível. Elas têm que saber o que é um leão, o que é uma raposa, e assim por diante, portanto às vezes se compara o homem a um destes animais. Para isto servem as fábulas, pois é delas que provêm as primeiras noções desses fatos (LA FONTAINE, 1989, p. 39).

As fábulas frequentemente retratam sociedades marcadas pela injustiça e desigualdade, utilizando uma linguagem acessível e de fácil entendimento. De maneira divertida e bem-humorada, narram aventuras que transmitem aos alunos ensinamentos valiosos e pertinentes sobre o comportamento humano, estimulando o senso crítico e permitindo que se sintam protagonistas ativos em suas reflexões e argumentações.

A respeito das falas apresentadas, Parreiras (2009) ressalta que: os livros de literatura infantil manifestam claramente esses valores. Nesse contexto, o universo das artes pode contribuir para o desenvolvimento de um pensamento ético na infância, preparando a criança para lidar com seus conflitos e incertezas.

Foi o que se observou no comportamento dos alunos durante o trabalho com

as fábulas: eles passaram a se interessar por livros e pela leitura em geral, como evidenciado nas figuras 10 a 14. Nesse processo, folheavam as fábulas, atentando-se ao seu teor, o que promoveu a troca de experiências, o respeito entre suas visões e a aprendizagem na diversidade, enquanto trabalhavam questões éticas. Adicionalmente, essa abordagem oportunizou que levassem em consideração os conhecimentos prévios, interligando-os às suas vivências e promovendo discussões significativas.

Corroborando com essa ideia, Silva (2012) afirma que: a leitura possui a capacidade de transformar o indivíduo, oferecendo conhecimento em diversas áreas, aprimorando suas habilidades mentais e criativas, e o capacitando a atuar e modificar a sociedade. Cada leitura suscita uma interpretação única e estabelece o hábito de pensar com autonomia, expandindo, assim, os horizontes pessoais.

Considerando o universo da leitura como um portal para a transformação, o professor assume o papel crucial de mediador de histórias. Ao apresentar narrativas significativas, como a clássica fábula "A Cigarra e a Formiga", o educador oferece aos alunos um palco para expressarem suas próprias interpretações e perspectivas.

Essa imersão textual transcende a mera decodificação, fomentando a capacidade de resolução de conflitos ao conectar a narrativa com o contexto vivenciado pelos estudantes (NOGUEIRA, 2000).

A prática pedagógica demonstra que as fábulas, longe de serem apenas leituras ocasionais, constituem ferramentas poderosas para despertar o prazer da leitura, impulsionar a produção escrita e integrar saberes de diversas áreas, enriquecendo, assim, a jornada de ensino e aprendizagem. A imagem da criança absorva na leitura reforça o potencial da literatura infantil em engajar e transformar o jovem leitor. A esse respeito, encontramos a seguinte colocação de (LIMA; ROSA, 2012).

Uma vez que o aluno compreende e reconhece a fábula, isso lhe possibilita uma orientação para a vida em dois aspectos; um em que concluem o entendimento de situações humanas fundamentais, e o outro em que a verdade abre seus olhos para o real, desconfortável lado da vida (LIMA; ROSA, 2012, p. 159).

Ao interagir com fábulas, o aluno é convidado a refletir sobre suas próprias atitudes e relações com os outros, desenvolvendo competências importantes para o convívio social e para a construção da sua identidade. Por isso, muitos estudiosos

ressaltam a relevância desse gênero textual no contexto educacional, especialmente pelo fato de a moral não vir sempre explícita, exigindo do educando um exercício de interpretação baseado em seus conhecimentos prévios, experiências de vida e valores pessoais (LIMA; ROSA, 2012).

Essa característica das fábulas estimula o aluno a formular suas próprias ideias, identificar diferentes pontos de vista e escolher, de forma consciente, qual ensinamento considera mais coerente com sua realidade.

Assim, o trabalho com esse tipo de narrativa fortalece o pensamento crítico e promove uma análise reflexiva que, embora iniciada no espaço escolar, pode se estender naturalmente para situações da vida cotidiana.

Outro detalhe importante relativo à este gênero literário, e que é bem ressaltado por Góes (1991), é que:

A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias (GÓES, 1991, p. 144).

O presente núcleo pedagógico articula elementos cruciais para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem, conferindo centralidade ao reconhecimento dos gêneros textuais como entidades comunicativas singulares. A exploração das fábulas, por exemplo, transcende a mera leitura, impulsionando o desenvolvimento da produção escrita em suas variadas manifestações: da reescrita à adaptação e à criação inédita. Essa diversidade de formatos expressivos enriquece o repertório comunicativo dos estudantes, valorizando a pluralidade de vozes e estilos (BRASIL, 1997)

Ao adotar uma perspectiva comunicativa para o ensino de Língua Portuguesa, a ludicidade emerge como um pilar fundamental. Longe de ser um mero passatempo, o lúdico se configura como um recurso pedagógico potente, capaz de transformar a assimilação do conhecimento em uma experiência aprazível, interativa e inovadora. Nesse cenário, a exploração da linguagem pelas crianças e jovens ganha contornos mais significativos, estabelecendo pontes entre o conteúdo curricular e suas próprias vivências e interpretações da realidade (MALUF, 2008).

O culminar da pesquisa-ação, materializado no convite aos estudantes para reescreverem a fábula, revela a potência de uma abordagem que prioriza a identidade e a subjetividade. A liberdade de imprimir suas marcas pessoais nos textos resultou na elaboração de argumentos sólidos e reflexões coesas, evidenciando um genuíno engajamento com o gênero literário em questão e um notável progresso no desenvolvimento de suas competências comunicativas e de análise crítica. A reescrita, nesse contexto, não se limita à reprodução, mas se configura como um exercício de apropriação e ressignificação do conhecimento.

Portanto, a compreensão de qualquer material escrito transcende a mera extração, dedução ou reprodução de significados preexistentes. Em vez disso, a leitura configura-se como um processo dinâmico de construção interpretativa, no qual texto e leitor ativamente interagem de maneira intrínseca. O leitor, ao se deparar com a escrita, mobiliza seus conhecimentos prévios, suas experiências e suas estratégias cognitivas para processar as informações e atribuir sentido àquilo que lê.

[...] o objetivo é que os alunos tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção de textos, o conteúdo a ser ensinado deverá ter procedimentos de revisão [...]. A seleção deste tipo de conteúdo já traz, em si, um componente didático, pois ensinar a revisar é completamente diferente de ensinar a passar a limpo um texto corrigido pelo professor. No entanto, mesmo assim, ensinar a revisar é algo que depende de saber articular o necessário (em função do que se pretende) e o possível (em função do que os alunos realmente conseguem aprender num dado momento). Considerar o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático para todo professor que pretende ensinar procedimentos de revisão quando o objetivo é mais do que a qualidade da produção – a atitude crítica diante do próprio texto (BRASIL, 1997, p. 4-48).

Embora a leitura constante seja uma fonte natural de aprendizado, cultivar nos alunos o hábito de ler seus próprios textos é uma prática de valor inestimável. Ao se tornarem leitores de sua produção, os autores em formação ganham a oportunidade de analisar a adequação do que escreveram, verificando se a mensagem que pretendiam transmitir foi efetivamente materializada no papel.

Nessa perspectiva, a autorrevisão dos escritos emerge como um exercício fundamental de integração do ensino de leitura e escrita. Ao se colocarem no papel do leitor, as crianças desenvolvem a capacidade de avaliar a clareza, a coerência e a eficácia de seus próprios textos. Esse processo as capacita a internalizar estratégias de redação mais conscientes e a aprimorar suas habilidades de expressão escrita de maneira autônoma.

A autorrevisão, portanto, não é apenas uma etapa final, mas um componente intrínseco ao desenvolvimento de escritores competentes e reflexivos.

Dessa forma, convém destacar que durante a pesquisa os alunos fizeram a reescrita da fábula e ao final revisaram sua escrita para fazer possíveis ajustes. Ao reescrever um texto, estabelece-se um diálogo essencial entre o aluno, enquanto autor, e sua própria produção textual.

Esse processo vai além da simples correção de erros superficiais, promovendo uma interação mais profunda e consciente com o conteúdo elaborado. A reescrita permite que o aluno se afaste emocionalmente do texto inicial, entrando em uma fase de análise mais crítica e reflexiva (CAVALCANTI, 2015).

Durante esse momento de releitura e revisão, a comunicação se efetiva de forma mais completa. O aluno assume o papel de leitor do próprio texto e, a partir dessa nova perspectiva, avalia se conseguiu atingir o objetivo comunicativo proposto. Ele passa a analisar se as ideias estão bem estruturadas, se há coerência argumentativa e se a linguagem escolhida é adequada ao público e à finalidade do texto. Esse exercício de reposicionamento enquanto leitor desenvolve sua habilidade de reconhecer falhas, ambiguidades e incoerências, contribuindo para um aprimoramento real de sua escrita.

A prática da escrita inclui o momento em que o produtor avalia o texto produzido, analisando sua adequação e eficácia. Trata-se de um momento extremamente importante, indispensável no processo de escrita, que demanda que o escrevente ocupe a posição de leitor, avaliando o que é necessário eliminar, acrescentar, modificar etc. (CAVALCANTI, 2015, p. 162).

A reescrita, portanto, não apenas finaliza o processo de produção textual, mas o consolida, transformando o aluno em um sujeito crítico do seu próprio discurso e fortalecendo sua autonomia como produtor de sentidos; ou seja, quanto mais o educando escrever, mais cria condições de dominar a habilidade escrita, melhor compreende os textos, construindo conhecimento.

Essa realidade se evidenciou nas reescritas realizadas pelos alunos participantes desta pesquisa, demonstrando um envolvimento notável com a atividade. Ficou claro que não escreveram apenas por obrigação, mas que passaram por um processo de apropriação significativa e prazerosa, especialmente por meio do contato lúdico com as fábulas.

Os discursos dos alunos revelam que, ao longo da prática pedagógica, o professor teve a oportunidade de observar, intervir e mediar de maneira eficaz. Esse acompanhamento contínuo possibilitou que os estudantes se expressassem livremente mesmo antes de finalizarem seus textos, favorecendo um ambiente de aprendizagem marcado pela espontaneidade, acolhimento e segurança. O caráter leve e envolvente das atividades contribuiu para o fortalecimento da confiança dos alunos, promovendo uma participação mais ativa e significativa em todas as etapas do processo.

## 5. RESULTADOS

Em face do atual cenário educacional, marcado pelas deficiências de aprendizado em leitura e escrita, intensificadas pela pandemia de 2020 no ensino fundamental, a presente pesquisa implementou uma intervenção pedagógica focada no gênero fábula. Conforme o planejamento estabelecido, dos 19 alunos participantes, 16 compareceram e realizaram a avaliação inicial, transcrevendo a fábula em letra de forma.

O anexo I apresenta as 16 reescritas em caixa alta, das quais 10 evidenciaram boa segmentação de palavras e direção da escrita. Outras duas crianças demonstraram estar na fase inicial da alfabetização, enquanto as quatro restantes mostraram um avanço em relação às primeiras, indicando maior consciência da relação fonema-grafema em algumas palavras e frases, sinalizando o desenvolvimento da escrita alfabética.

Na reescrita final, 14 alunos compareceram. Todos elaboraram seus textos em letra cursiva, e a maioria revelou um progresso significativo na alfabetização, com domínio da escrita cursiva e boa compreensão da narrativa. Embora ainda persistam diversos erros ortográficos, essas reescritas evidenciam um desenvolvimento motor fino mais avançado em comparação com a escrita em letra de forma.

Acredita-se que a exploração lúdica e reflexiva do gênero fábula, especialmente por meio da releitura inovadora de Sérgio Capparelli, contribuiu de forma relevante para o desenvolvimento da compreensão e para a aquisição de novas perspectivas textuais pelos alunos. A abordagem buscou, assim, sanar as defasagens de alfabetização de maneira motivadora, segura e engajadora.

Ao longo da pesquisa-ação, a colaboração ativa de diversos membros da comunidade escolar – gestores, coordenadores, equipe multidisciplinar e professores – mostrou-se um alicerce fundamental para a eficácia do trabalho pedagógico. Iniciativas como encontros com pais, apoio psicológico e psicopedagógico, formação continuada, projetos pedagógicos dinâmicos, metodologias ativas, tais como aulas invertidas e a valorização da biblioteca física e virtual, incluindo a renovação do acervo literário, criaram um ambiente propício à reflexão e à prática transformadora.

A identificação precoce das dificuldades de aprendizagem, desde a anamnese inicial, reforçou a importância de uma abordagem inclusiva que respeitasse o ritmo e

as necessidades individuais de cada aluno, com o objetivo de garantir a alfabetização plena até o segundo ano do Ensino Fundamental.

As revisões textuais posteriores revelaram um progresso notável na capacidade dos alunos de internalizar o conteúdo das fábulas, tanto oralmente quanto por escrito. A substituição do vocabulário inicial por novas palavras aprendidas, demonstrando a apropriação de recursos linguísticos, evidenciou o desenvolvimento da compreensão e da expressão.

O resultado final da intervenção superou as expectativas, com uma melhora significativa na fluência leitora, na compreensão textual, na qualidade da escrita e na produção da ficha de leitura.

Além disso, observou-se um aumento da segurança e da expressividade dos alunos, mesmo em situações de exposição oral, promovendo o respeito às diferenças e o crescimento individual dentro das competências e habilidades comunicativas.

Em suma, a pesquisa demonstrou o potencial do gênero fábula, especialmente na releitura contemporânea de Sérgio Capparelli, como uma ferramenta eficaz e motivadora para o desenvolvimento da oralidade e do letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em um contexto de recuperação de aprendizagens pós-pandemia.

Contudo, reconhece-se que a construção de uma educação de qualidade é um processo contínuo, que demanda revisões e ajustes constantes, sempre pautados pela leveza, pelo prazer e pelo compromisso colaborativo de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou propor um percurso enriquecedor tanto para a prática docente quanto para o desenvolvimento dos alunos. Nosso objetivo foi apresentar uma proposta de trabalho com a oralidade e o letramento a partir da obra *30 fábulas contemporâneas para crianças*, de autoria de Sérgio Capparelli (2021). A escolha da fábula como gênero textual lúdico revelou seu potencial intrínseco para impulsionar a evolução das competências de leitura e escrita dos educandos, ao mesmo tempo em que ofereceu ao professor novas perspectivas e estratégias pedagógicas.

O trabalho realizado em sala de aula demonstrou de forma vívida a contribuição da fábula no processo de ensino-aprendizagem. A participação ativa e assertiva dos alunos, a promoção da reflexão e o estímulo à comunicação foram aspectos marcantes dessa jornada.

Ao direcionar o olhar para estudantes que enfrentavam defasagens de aprendizado em decorrência do contexto pandêmico de Covid-19, a pesquisa buscou um caminho diferenciado, no qual a leitura se apresentou como uma atividade real e acessível, permitindo que os alunos se tornassem agentes ativos nesse processo, compartilhando suas experiências e conhecimentos preexistentes em um ambiente de segurança e acolhimento.

A análise das produções dos alunos evidenciou uma progressão significativa ao longo da intervenção pedagógica, especialmente ao explorarmos as releituras de Capparelli. A interação espontânea entre os estudantes e o texto, desprovida de pressão e permeada pela ludicidade, demonstrou a eficácia de aprender brincando com o gênero textual. O desenvolvimento de competências e habilidades essenciais – aprender a aprender, aprender a ser, a conviver e a fazer – foi notório.

O trabalho pedagógico, ancorado na leitura de diversas fábulas, proporcionou uma interação prazerosa e engajadora com o universo literário. Observou-se um aumento expressivo no interesse dos alunos pela produção textual, gerando um ambiente de trabalho dinâmico, rico em ideias e discussões estimulantes.

O entusiasmo contagiante fez com que o tempo dedicado às atividades se tornasse insuficiente, demandando, por vezes, a extensão das aulas a pedido dos próprios alunos. A expectativa pelas aulas seguintes e a fluidez no desenvolvimento das atividades atestaram o sucesso da abordagem.

Embora a reescrita de textos seja reconhecidamente desafiadora para os educadores, a presente experiência demonstrou que um trabalho bem orientado, com a escolha adequada de materiais, como as fábulas, e a utilização relevante da obra 'A Cigarra e a Formiga' na perspectiva de Capparelli, pode despertar o encantamento e a motivação intrínseca dos alunos. A crença em sua própria capacidade, a diversão no ato de ler, escrever e reescrever, e a vivência de valores cruciais como o respeito à diversidade sem julgamentos foram resultados significativos.

A obra de Capparelli, ao romper com padrões tradicionais e explorar novas formas de comunicação com o jovem leitor, reflete a complexidade do mundo contemporâneo. Ao oferecer um acesso progressivo a diferentes elementos textuais e entrelaçar novas estratégias comunicativas com o universo infantil, o autor pavimentou o caminho em direção à diversidade, utilizando uma variedade de recursos e se reinventando para se conectar com a realidade dos alunos.

Em suma, esta pesquisa-ação reafirma o potencial da fábula, especialmente em diálogo com a contemporaneidade e a sensibilidade de autores como Sérgio Capparelli, como um recurso pedagógico valioso para o desenvolvimento da oralidade e do letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental, promovendo um aprendizado significativo, lúdico e conectado com as vivências dos alunos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **A importância da literatura para a formação da criança**. São Paulo: Scipione, 2008.
- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- ALENCAR, E. de; FARIA, G. **Tópicos discursivos e argumentação nos textos escolares**. In: ELIAS, Vanda Maria. Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2012.
- ALVES, M. A. **Da hermenêutica filosófica à hermenêutica da educação**. Acta Scientiarum, 33, v. 1, 2011. Disponível em: <http://www.10.4025/actascieduc.v33i1.11265>. Acesso em junho de 2024.
- AZEVEDO, I. C. M. **Práticas dialógicas de linguagem: possibilidades para o ensino de língua portuguesa**. Ilhéus: EDITUS, 2018.
- AZEVEDO, Josilete Alves Moreira. **As pedagogias de ensino de língua materna**. In: \_\_\_\_\_. Ensino de língua portuguesa: da formação à sala de aula. Tese de doutorado em estudos da linguagem. CCHLA/UFRN, 2012.
- BAGNO, M. **Fábulas fabulosas**. In: CARVALHO, M. A. F. De; MENDONÇA, R. H. Práticas de leitura. Brasília: Ministério da educação, 2006. Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br>. Acesso em janeiro de 2025.
- BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAWARSHI, A.S.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998
- BRASIL. MEC – **Ministério da Educação e Cultura. Secretaria do ensino fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundos ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa: 1ª a 4ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BULHÕES, R. M.; FERREIRA, E. A. G. R. **A fábula na formação do leitor: reflexões em torno da obra 30 fábulas contemporâneas para crianças**, de Sérgio Caparelli. Cuiabá, MT: Entrelinhas Editora, 2021.
- CAPPARELLI, S. **30 fábulas contemporâneas para crianças**. Mar Azul, 2021.

CAPPARELLI, S. **Entrevista a uma das autoras**. Florianópolis, 27 jan. 2018.

CAPPARELLI, S. **Economia política da paixão pela pesquisa**. In: PIGNATARI, Décio; SODRÉ, Muniz; CAPPARELLI, Sérgio; MARQUES DE MELO, José (Org); GOBBI, Maria Cristina (Org); SANTOS, Marli (Org). Contribuições brasileiras ao Pensamento Comunicacional Latino-Americano. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco: Umesp, 2000.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo, Contexto, 1998.

CAVALCANTI, J. R. **Professor, leitura e escrita**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHAER, M. R.; GUIMARÃES, E. D. G. A. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. Pergaminho, v. 3, p. 71-88, 2012.

DEZOTTI, M. C. C. (org.); DEZOTTI, J. D.; DEZOTTI, L. C. **A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; NOVERRAZ, M. **Gêneros e progressão em expressão oral e a escrita – sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras. 2 ed, 2011.

ESOPO. **A cigarra e a formiga**. LcP, 2020.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

KLEIMAN, Â. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 2ª. Ed. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

KOCH, I. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2009.

LA FONTAINE, J. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

LIMA, R.; ROSA, L. **O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita**. CIPPUS – REVISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNILASALLE. Canoas – RS, v. 1 n. 1, p.153-169, maio/2012.

MALUF, Â. C. M. **Atividades lúdicas para educação infantil: conceitos, orientações e práticas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala Para a Escrita: atividades de retextualização**. 10º. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: definições e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; et all. **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARQUESI, S. C. **Escrita de textos no ensino médio**. In: ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDES, S. S. **Prática de ensino supervisionada: a leitura como contributo para a aprendizagem**. 78 p. Relatório (Mestrado em Educação Pré-Escolar) – Escola Superior de Educação de Bragança. Bragança, 2019.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999.

NAKONIECZNY, M. G.; KLOC, M. C. L. **Fábula: um estímulo a leitura nas escolas do campo**. UFPR – Universidade Federal do Paraná Setor Litoral. Paraná, 2021.

NOGUEIRA, G. L. de M. **Era uma vez... As fábulas e os contos de fadas na sala de aula**. Disponível em: [https://alb.org.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais13/arquivos/seminarios/nogueira\\_gilda.htm](https://alb.org.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais13/arquivos/seminarios/nogueira_gilda.htm). Acesso em janeiro de 2025.

OLIVEIRA, I. E. P. de; SANTOS, J. C. Q. **Sequência didática: Estratégias de compreensão leitora para o ensino de fábulas**. ES: diálogo comunicação e marketing. 2022. Disponível em <https://repositorio.ivc.br/bitstream/handle/123456789/1697/Ebook-Jacqueline-1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em maio de 2024.

OLIVEIRA, M. A. **Caminhos da fábula: literatura, discurso e poder**. Campina Grande: Bagagem cultural, 2011.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Língua Portuguesa.

Curitiba: SEED, 2008.

PARREIRAS, N. **Literatura e ética**. 2009. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/ltt/ltttxt3.htm>>. Acesso em janeiro de 2025.

PERNAMBUCO, J.; FIGUEIREDO, M. F. **Contribuições bakhtinianas para o ensino da gramática**. Programa de Mestrado em Linguística – Universidade de Franca (UNIFRAN). São Paulo, 2011.

RAMOS, J. M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RODRIGUES, M. S. F; LIMA, J. M. D; MARTINS, V. V. **As Fábulas no processo de Alfabetização e Letramento**. Revista Mosaico. 2016.

ROJO, R. **Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SANTOS, E. J. das V. S.; FRANÇA, F. **Leitura de fábulas em sala de aula**. Graduando, Feira de Santana, v.3, n. 4, 2012.

SCHNEIDER, J. M. B. CLARAS, S. M. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: leitura, escrita e reescrita no 6º ano: a abordagem das fábulas**. 2014. Artigo (Pesquisa de campo foi realizada Colégio Estadual Professor Agostinho Pereira - EFM, Pato Branco/PR). Paraná, v.1. 2014.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escolar**. São Paulo, Mercado das letras, 2011.

SILVA, J. B. da. **O gênero fábula como ferramenta e incentivo na produção textual**. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017.

SILVA, E. J. das V. **Leitura de fábulas em sala de aula**. Disponível em: <http://www2.uefs.br:8081/dla/graduando/n4/n4.13-23.pdf>. Acesso janeiro de 2025.

SWALES, J. M. **Genre analysis: english in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ANEXOS

ANEXO 1 – INÍCIO DA REESCRITA

Figura 35 – Reescrita final

Fonte: Elaborada pela Autora

REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

E UM VBO QUE LA VE DE A SIGARRA KTA-  
VA O L VENO TA SE, GRE N AFOMIGA  
A SIGARRA FA LO PFO OI VENO TALOGG,  
NÃO TO FOMIGE GULO VREI CA QUI  
EA FOMIGE UM MFU MISARI PAFO  
A FOMIGE E COTO UM SIGARRA FOMIGA  
E PO QU NÃO TO VINO VOSH TA,  
E ITO DO ETE V O SE DE SA E LONO  
FM/GULO TM UT QU TIO BSSALO,  
E POSUCRETO, CERRO I VIAL O MIEGUE,

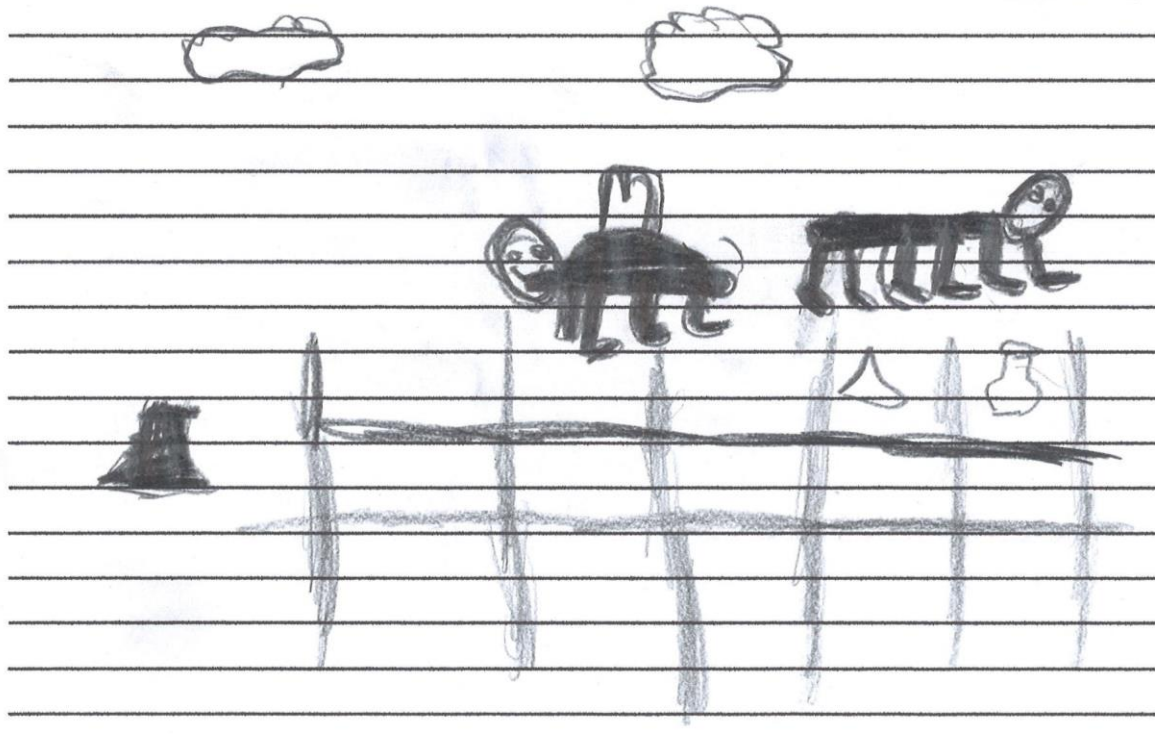


Figura 36 – Reescrita final  
 Fonte: Elaborada pela autora

REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

ERA UMA VEZ EM UM BOSQUE VERDEJANTE, UM GRUPO DE CIGARRAS CANTAVAM FELIZES E VIAM AS FORMIGAS CAZILHANDO GRÃOS DE TRIGO, PARA QUANDO O INVERNO CHEGAR NÃO PASSAREM FOME. MAS AS CIGARRAS NEM SE EMPORTAVAM, E O OUTONO IA CHEGANDO MUITO MAIS RÁPIDO, AS FOLHAS IAM MUGHANDO E CAINDO.

MAS UM DIA AS FOLHAS FICABAM AMARELAS, E O GRUPO DAS CIGARRAS FICABAM COM FOME E FRIO, AS FORMIGAS FICAVAM NO FORMIGUEIRO COMENDO E SE DIVERTINDO. UMA FORMIGUINHA COM SUA VASSOURINHA IA VARRENDO A FRENTE DO FORMIGUEIRO, PORQUE ESTAVA CHEIO DE NEVE. DE REPENTE UM CIGARRA MABRINHA QUASE CONGELANDO DE FRIO, E A FORMIGUINHA FALOU: — DONA CIGARRA QUE SURPRESA! NÃO VEDA MAIS VOIÉS CANTANDO, OQUE ACONTECEU? — A CIGARRA RESPONDEU: — AH! DONA FORMIGA, É QUE EU ESTOU COM GRIPE! É DIFÍCIL MELHORAR NESTA ÉPOCA DO ANO...

A FORMIGA SEM EXITAR DISSSE: — ÓH! DONA CIGARRA, ESPERO QUE FIQUE BOA LOGO LOGO!

A CIGARRA VIU QUE A FORMIGA ERA GENTE BOA E FALOU:

— ENTÃO DONA FORMIGA, POR FAVOR DEIXE-ME ENTRAR PARA FICAR BOA!

A FORMIGA DEIXOU CUIDOU DELA E A CIGARRA MELHOROU.

MORAL: TRABALHAR CEDO PARA NO FUTURO NÃO ACONTECER NADA DE RUIM.



Figura 37 – Reescrita final  
Fonte – Elaborada pela autora

REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

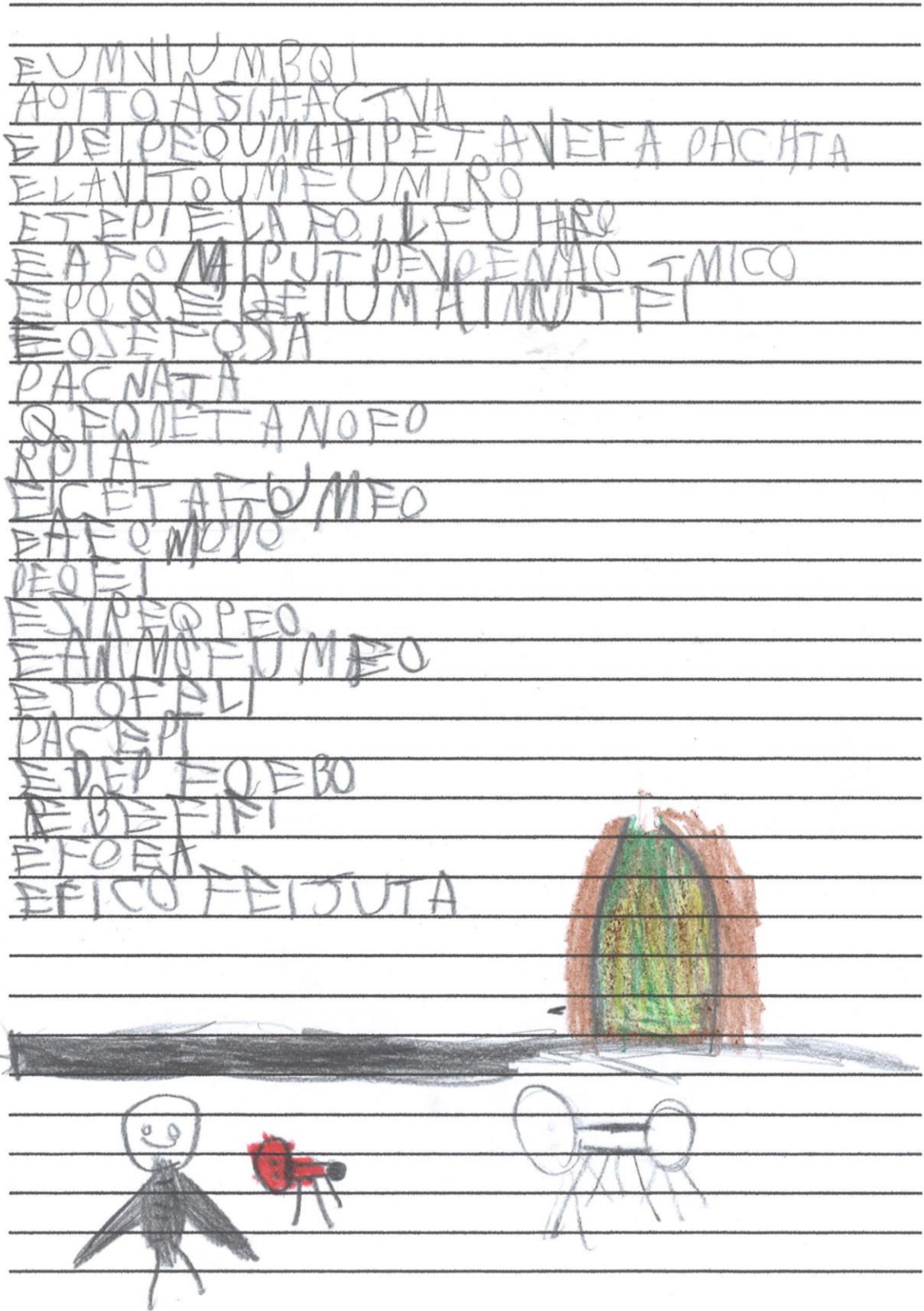


Figura 38 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

(EM) UM BOSQUE COM AVORES E FLORES VIVIAM CIGARRAS CANTANDO ENTÃO EM QUANTO CANTAVAM PASSARÃO MUITAS FORMIGAS COM COMIDAS DELICIOSAS AS CIGARRAS SE PERGUNTAVAM PRA QUE ESSE TRABALHO TODO SO' POR CAUSA QUE FALTAVA MUITO PARA O ENVERNO! ASSIM UMA DELAS PERGUNTOU AO UMA FORMIGA: -PARA QUE ESTE TRABALHO TODO? O FORMIGINHA RESPONDEU: -PARA QUE NO ENVERNO NÃO PASAMOS FOME... PORQUE A PERGUNTA? ASSIM A CIGARRA DIS: NEM ESTA PERTO DO ENVERNO! A FORMIGINHA CONTINUA AO SEU TRABALHO MESES SE PASSARAM O ENVERNO CHEGOU AS CIGARRAS MORRIAM DE FRIO E FOME UMA FORMIGA ESTAVA EM CARREGADA DE VARRER A FRENTE DO FORMIGUEIRO ASSIM A CIGARRA CHEGOU E FALOU: -SENHORA FORMIGA ESTOU COM UMA GRIPE MUITO FORTE PODERIA ME DEIXAR ENTRAR? A BOA FORMIGA DIZ: -SIM PODE ENTRAR ALGUNS DIAS PASSARAM A CIGARRA SARA ASSIM CANTA AS FORMIGAS SUAS LINDAS MUSICAS.

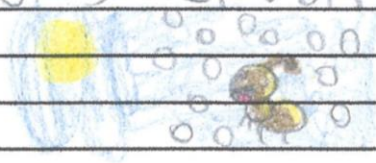


Figura 39 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

### REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

EM UM DIA NO BOSQUE TINHA CIGARRAS  
 CANTANDO. MAS DO LADO DELAS TINHA-UM VARIAS  
 FORMIGAS CARREGANDO VARIOS PEDACINHOS DE TRIGO  
 POIS ESTAVA VINDO UMA NEVASCA MUITO FORTE E OS  
 CIGARRAS SABIAM E FAVARAM NOSSA PORQUE AS  
 FORMIGAS ESTAM COM TANTA PRESSA. AI DEPOIS  
 DE UMS MINUTOS AS FOLHAS DAS ARVORES  
 COMESARAM A CAIR E AS CIGARRAS NEM TAVAM  
 WIGANDO ATÉ QUE CHEGOU UM INTONO ENORME  
 E TODOS SAIRAM VAZADO: ZUMMMMM. E AS  
 FORMIGAS NEM ESTAVAM WIGANDO PORQUE ELAS  
 ESTAVAM PROTEGIDAS E WA' FORA, TINHA UMA  
 FORMIGA FAZENDO UMA FACHINA ATÉ QUE DUNADA  
 APARECEU UMA CIGARRA E FAVOU: PORFAVOR  
 DEIXEME ENTRAR EU ESTOU COM GRIPE E NÃO  
 CONCIGO CANTAR. A FORMIGA INDIGINADA DEIXOU  
 ELE ENTRAR. E QUANDO AQUABOU A NEVE A  
 CIGARRA SAIU DELA SARADA E CANTO MUITO  
 FEWIZ COM A BONDADE DA QUEHA FORMIGA.  
 E CANTOU



Figura 40 – Reescrita final  
Fonte – Elaborada pela autora

REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

ACL EL Q DG ERO  
 AVE DE OU LROVETOA O O  
 EADEL HIGOTEQUA OUAO AO U  
 AOVEOSTOVAOVAO VEP A O AVLA DE  
 ASSUME ACDECA AOE O VE A O VE  
 OSAIAUMCO AOVE O LVAR  
 DE O VE O MO AOVE OSATOVE O UDE .  
 AVE O VE OSATO VE O U  
 AOVE O G AOVE A O VE OUE O  
 AO VE TO VE O AO VEO U AO  
 AO AAO VE AO JA M O U  
 .A O VEO U E O UAO VE A AO .

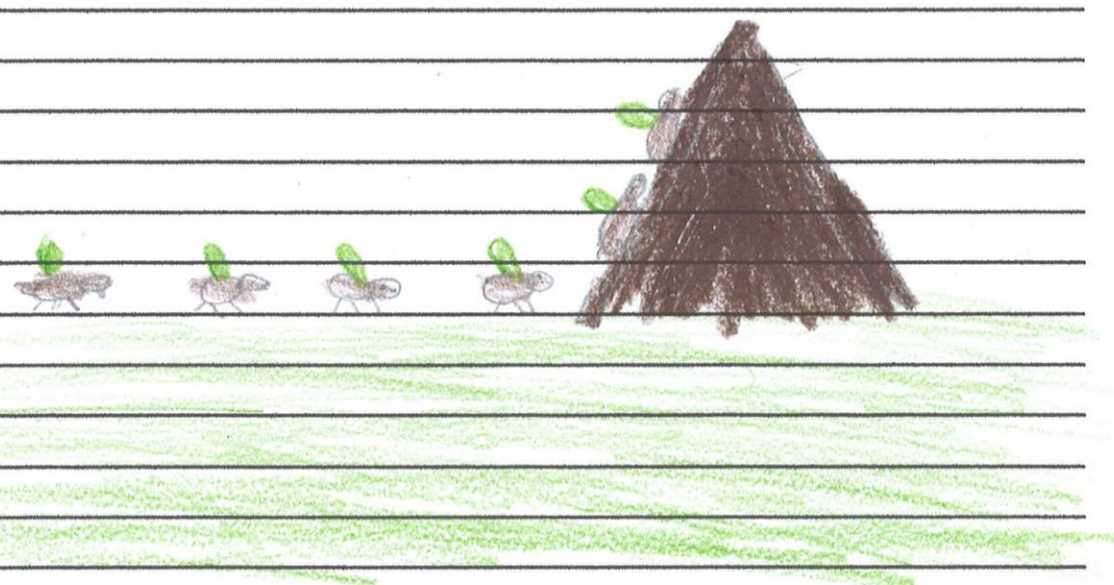


Figura 41 – Reescrita final  
Fonte – Elaborada pela autora  
REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

LEU MA V-U-DIVRE  
 RE UTRU-MA-DA-KU MI HA  
 TA RUMI HACSICO DE I SA TU DA  
 A VICAVIRI = TASHA-PIU TORO  
 Q VOI C-TASICO-DE NO I-BTUDA  
 A QVARE RO-Q O VRE-TAXE-IO-VA  
 EO MAO-GCOCA TA NA Z TOROQ  
 U NA LISCA TO E F O T  
 E NA COSI NA CA TA  
 LASI HA A DE DE U NA SII IO  
 I UNAFACO EN PA CO PE  
 71-00 RC NO I T NATCO

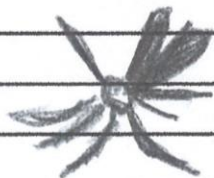
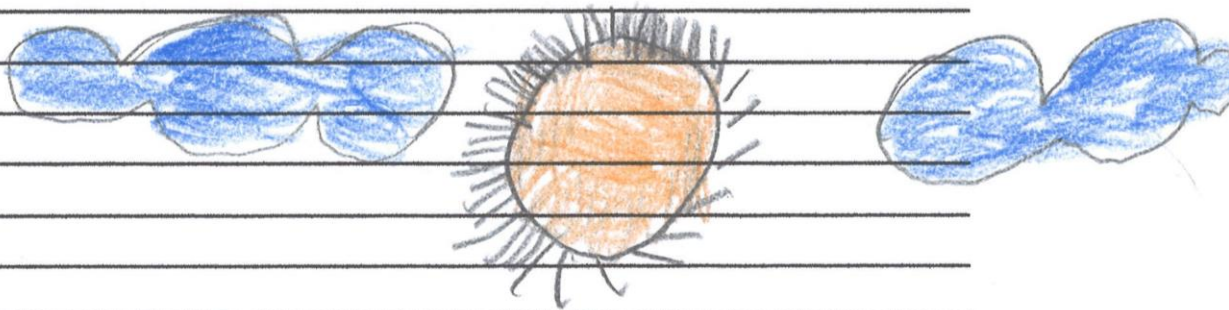


Figura 42 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

### REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

UM DIA DE VERÃO EM UM BOSQUE VERDE,  
 ANDAVA UM GRUPO DE CIGARRA CONVERSANDO  
 EM UM FORMIGUEIRO TINHA UMAS FORMIGAS  
 COLETANDO FOLHAS PARA O INVERNO.  
 QUE ESTÁ PRA CIMA MAS NO OUTRO DIA  
 CHEGOU O INVERNO E TODAS FORMIGAS AS  
 FILARAM DENTRO DO FORMIGUEIRO  
 MAS UMA FORMIGA DISSE: EU VOU LÁ  
 FORA VARRER UM POUCO TÁ. LOGO EM  
 FRENTE VINHA UMA CIGARRA DISSE: DONA  
 FORMIGA POSSO ENTRAR NO SEU FORMIGUEI-  
 RO ESTOU MORRENDO DE FRIO. E CLARO  
 DONA CIGARRA PODE ENTRAR.  
 TÁ FORMIGUINHA MAS EU POSSO CANTAR  
 PARA VOCÊS. E CLARO A FORMIGA DISSE  
 A CIGARRA ENTROU ELA SE A QUE SEU  
 O CORPO E COMEÇOU A CANTAR  
 E TODAS AS FORMIGAS COMEÇARAM  
 A SER AMIGOS DA CIGARRA.

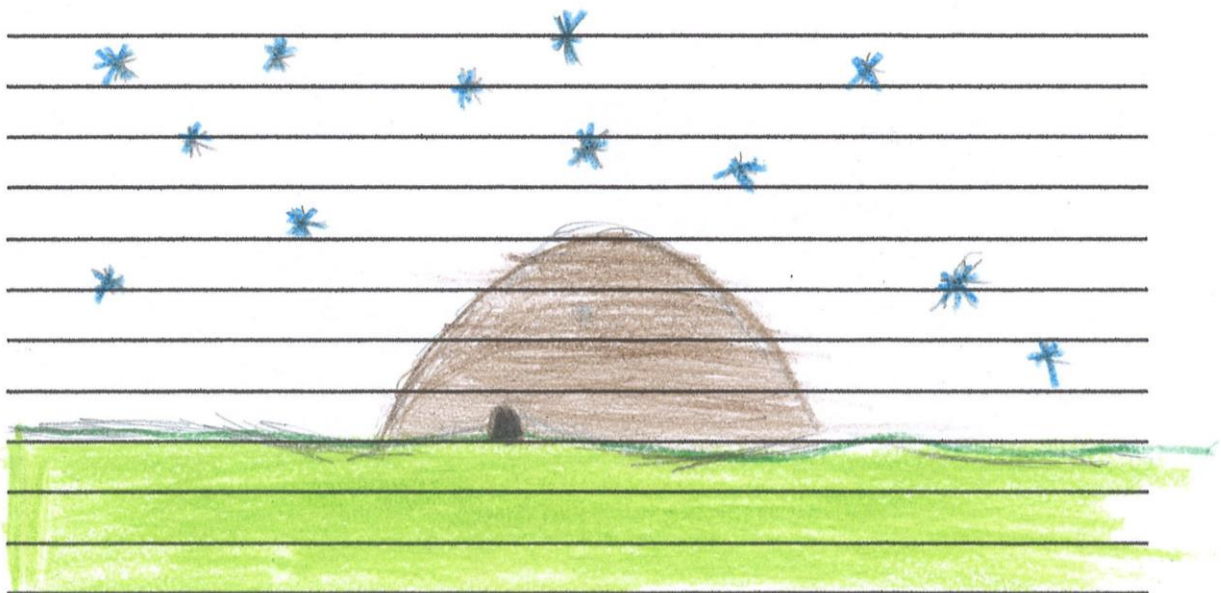


Figura 43 – Reescrita final  
Fonte – Elaborada pela autora

### REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

EM UM BOSQUE VERDEJANTE, A CIGARRA PASSAVA POR PERTO DE UM FORMIGUEIRO, E A FORMIGA PERGUNTOU:  
- CIGARRA PORQUE VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS CANTANDO. A CIGARRA ESTAVA COM MEDO DE FALAR SUAS COISAS PESSOAS ENTÃO DISSE:  
- É QUE EU PEGUEI UMA GRIPE MUITO FORTE E A FORMIGA DISSE:  
- E PORQUE VOCÊ ESTÁ CORRENDO TANTO É POR QUE ESTOY CORRENDO POR QUE CAUSA DO INVERNO ESTÁ CHEGANDO E A FORMIGA DISSE: - MAS, ESTÁ CHEGANDO OUTONO E A CIGARRA DISSE:  
- É PRECISO CURAR A MINHA GRIPE. E NO OUTRO DIA A CIGARRA COMEÇOU A CANTAR LINDA MENTE.

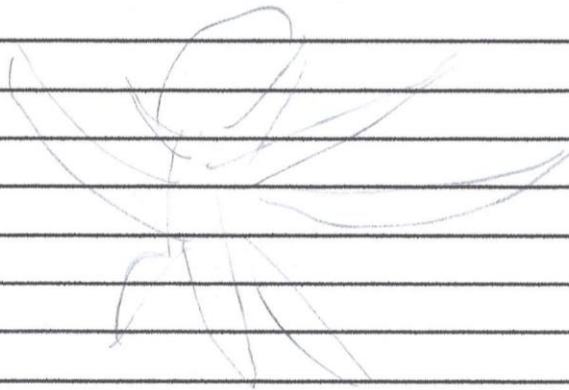


Figura 44 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

### REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

ERA UMA VEZ UM BOSQUE VERDEADO E NA FINAL DO VERÃO ESTAVA VINDO UM INVERNO MUITO BRUSCO E AVIA UM GRUPO DE CIGARRAS QUE CANTAVA O VERÃO TODO ENQUANTO AS FORMIGAS CATAVÃO OS GRAOS DE TRIGO FAZENDO TUNEIS PARA-SE MANTER QUETINHAS - O INVERNO TODO ATE QUE O INVERNO CHEGOU E A CIGARRA PENSOU NÃO DA PARA CANTAR NE FRIO ENTO TODAS AS FORMIGAS ESTAVÃO SE JUNTANDO PARA ELICAREM QUETINHAS AVIA UMA FORMIGA QUE ESTAVA BAREMDO A FRENTE DO FORMIGUEIRO COM A SUA VASOURINHA E A CIGARRA QUERENDO SE ESQUEMTAR MAS NÃO QUERIA MOSTRAR QUE ERA FRACA ENTÃO, ELA FALOU OI DONA CIGARRA QUANTO TEMPO QUE EU NÃO ESCUTO VOCÊ CANTAR A É POR QUE ESTOU COM UMA GRIPE MUITO FORTE E NÃO POSSO CATAR MOSSA DESEJO. MELHORAS PRA VOCE É A CIGARRA VIU QUESSA FORMIGA ERA BEM GENTIL E FALOU FORMIGA SERA QUE EU POSSO FICAR AQUI ATE EU MI RECUPERAR EU POSSO CANTAR PARA ANIMAR VOCÊS CLARO A FORMIGA DESSE ENTÃO A CIGARRA - SE RECUPEROU E APRENDE A LIÇÃO

MORAL DA FÁBULA



Figura 45 – Reescrita final  
Fonte – Elaborada pela autora

### REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

ERA UMA VEZ UM GRUPO DE CIGARRAS, EM BAICHO DE UM QUI BOBQUI, E ELAS CANTAVAM, LINDA MENTI E AS FORMIGAS FORAM CORRENDO PARA O FORMIGUEIRO, DELAS PARA ESQUENTA E AS CIGARRAS PARARAM DE CANTAR E AS FORMIGAS PERGUNTARAM? PORQUE VOCÊS PARARAM DE CANTAR, E AS CIGARRAS, NÃO CONSEGUIAM NEM FAZER DE REITO E A FORMIGAS COMEBARAM, A FICAM PROUCUPADA MAS SEM NA HORA, VOU TOU A VOZ DAS CIGARRAS, E ELAS FALARAM TUDO O QUE A CONTESEU COM ELAS

CONCLUSÃO: A CIGARRAS NÃO CONSEGUIA CANTAR PORQUE ELAS ESTAVAM SEM VOZ.



Figura 46 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

ERRA VEREÃO FOMICA VARINHA FOMICIAA  
 A POTI VEREÃO O POTI O ADTI FOMICA  
 ACOTO O MOXI VORINHA AJO O MO  
 TI FO PLATE TH&O MAIS NO POTI  
 AS FOMICA NO VEREÃO  
 MAISA FOMICA VOO DO LOGI  
 NOSA FOMICA VAO QI VA VO QI VAPE  
 U MA FOMICA SO VOMICA TAVADA NO  
 A SICARRA SO CANTAVA

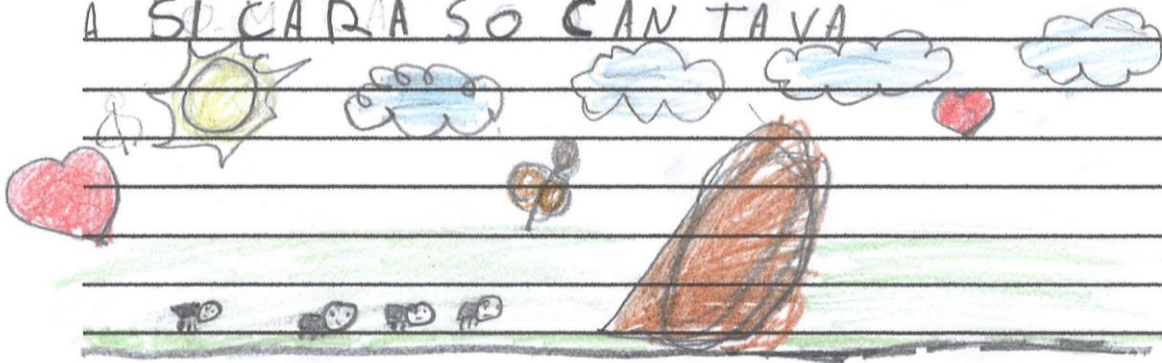


Figura 47 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

EL RAUMMA VEIS BOCDI CHELA DAS FORMIGA  
 E AS CIGARRA QUE AS FORMIGA  
 TAVA FAZEIDO A PREPARA AL  
 E AS CIGARRAS TAVA FALO ASIM  
 PRA QUE VOCEIS TAVA ZEIDO  
 A CAZA CA BEIDO QUE O HI VRENO  
 TALOGI DACHEGA A KI  
 E AS FORMIGAS FALARO ASIM  
 MAIS TACHEGANO O E VENO  
 TACHEGENO  
 EA CIGARRA DA RIV  
 MA ECV MESSO A VEITA  
 MAIS UMMA FORMIGA TAVA VARREDO  
 EA CIGARRA A FALO POR VAVER  
 CE VOCE DE CHA EU EICHA EU  
 EITRA EA CIGARRA A VICOMAS  
 VORTI E COUSI GILCOTA  
 E ELAS VIVERO DA RECEPRI.

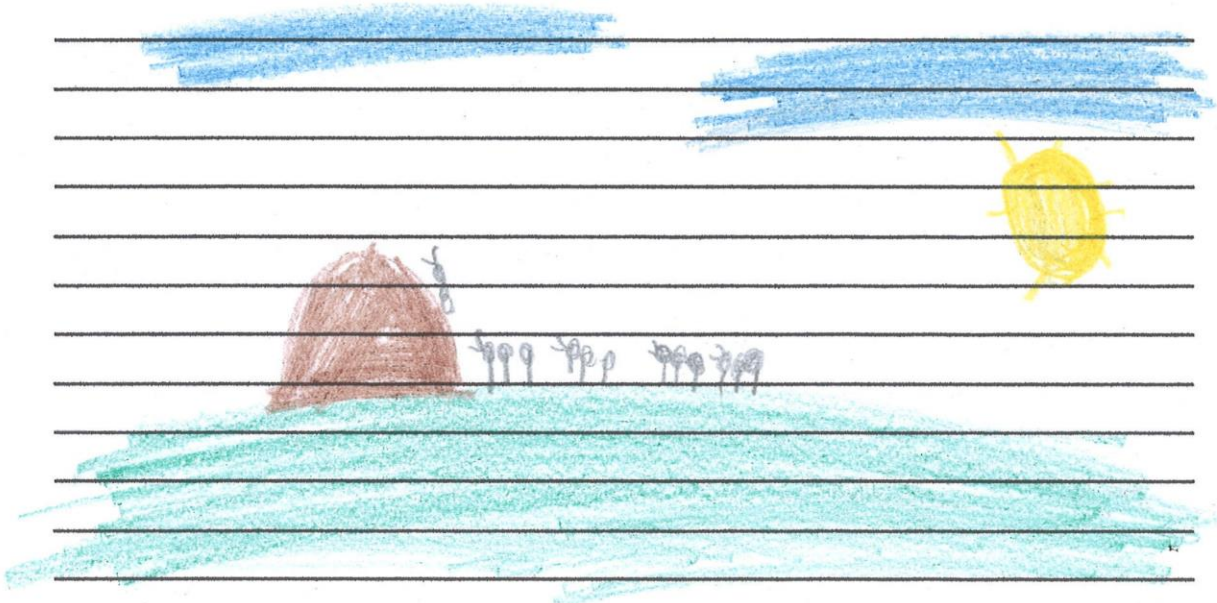


Figura 48 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

### REESCRITA DA FÁBULA: A CIGARRA E A FORMIGA

ÉRA UMA FEZI DO VERAO TINHA UM VO MI  
 MUITA FORMIGA ESTAVA PEGANO A COMEDA  
 MAIS TINHA TABEM MUITA CIGARRA CANTANO  
 E AS FORMIGA TAVA RITADA SO O BARULHO  
 DA CIGARRA VOLTANO VERAO ATE JEGO O INFENO  
 ENTAN AS VO FORMIGA JATAVA PEPARADA DO  
 INFENO JEGA ENTA MESMO TA DO INFENO EAS -  
 CIGARRA NAO PARA DE CANTA E FOI IRREPITIVO  
 JE DO VINAV A FORMIGA VICARO AMIGA CO CIGARRA



## ANEXO 2 - REESCRITA FINAL

Figura 49 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

Ligação, a formiga e o Erano (Gergio Cappoulli)

A formiga havia carregado muito de lençóis e estava  
 muito cansada, e foi se queixar para o Erano.

— Não aguento mais, Erano, essa cigarra canta e  
 tem toda enquanto eu trabalho.

— Você não tem que eu ouvi? a cigarra vai morrer  
 de insano.

— tem certeza?

— está na moral da fábula formiga, se quiser saber mais  
 lida o livro.

No outro dia a cigarra no alto de um Perseguido e  
 começou a cantar. Nesse instante passou por lá um homem da internet  
 de disser, ele estava

— que pelvisão canta

A cigarra fez um teste foi apresentada e assinou um  
 contrato milionário ao saber disso a formiga se irritou, e foi  
 reclamar com o Erano, mas se descurou e disse muito sem  
 saber teve confusão em contos de fábula.

Nem sempre tem confusão em moral de fábula

Nome: Nicolay

Figura 50 – Reescrita final  
Fonte – Elaborada pela autora

A cigarrinha, a formiga e o ereto  
de origo caparelli

A formiga carregando um pedaço de lençóis para sua casa e estava muito cansada e foi de queimar para Erato.

— Não aguento mais Erato — disse a formiga — essa viagem conta o tempo todo enquanto eu trabalho.

O Erato pergunta!

— Já leu meu livro? A viagem tem muitas coisas de fazer no inverno.

— Tem certeza? — disse a formiga

— Já na marul das pulveras se quiser saber mais leia o livro

No outro dia a cigarrinha voltou ao topo de sua peregrinação e começou a sentir mais e mais vontade de passar por lá, um homem da indústria de doces, ele exclamou: Não que peregrinação de conta

— Que deliciosa conta, que coisa maravilhosa

A cigarrinha por um teste foi operando e ganhou um contato milionário, ao saber disso a formiga se irritou e foi punir Erato novamente, ele decidiu-se:

— sinto muito pelo ocorrido nem sempre as coisas acontecem igual a marul de pulveras. Não se deve confiar muito em marul de pulveras

Figura 51 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

A cigarrinha, a formiga e o Erapo

A formiga havia carregado um pedaço de biscoito para o formigueiro e estava muito cansada e foi se queixar para o Erapo. Não aguenta mais Erapo disse a formiga: - essa cigarrinha canta o tempo todo enquanto trabalha

o Erapo perguntou:

- já leu o que escrevi a cigarrinha vai morrer de frio no inferno

tem certeza disse a formiga

esta na moral da fábula formiga se quiser saber mais leia o livro

no outro ele subiu no topo de uma árvore e olhou para cá e para lá e começou a cantar sempre cantando um pedaço de disco e disse: - que belicimosa canta

A cigarrinha terminou um capitulo de canto de milhões.

Al saber disso a formiga se voutou e não foi procurada pelo Erapo e ele desculpa-se tanto muito pelo acontecido pelo perder a final

Figura 52 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

Juliano Capparelli *Contos de Moças*

A cigarra, a formiga e o Esopo

A formiga havia carregado restos de legumes ao formigueiro e estava muito cansada. Foi se queixar a Esopo.

- Não aguento mais Esopo essa cigarra tá cantando quando tá trabalhando.

- Já viu que eu escrevi a cigarra vai morrer no inverno.

- Tem certeza? disse a formiga

- Já na moral da fábula se quiser leia o livro

No outro dia a cigarra subiu no peregrino olhou para o lado ~~para~~ outro e começou a cantar e passou um homem da indústria de discos.

Ele exclamou:

- Que voz belíssima! maravilhosa

A cigarra fez um teste de canto e ela ganhou um teste e um cheque milionário

Com saber disso a formiga se enroutou e procurou o Esopo e ele desculpou-se:

- Sinto muito por ter acontecido isso sempre acontece em as fábula

Não silierei confiar em moral de fábula

Figura 53 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

A cigarra, a formiga e o Erópeo  
*Sena capprelli*

A formiga foi leva o pedaco de um  
 broto, e foi-se requamar au Erópeo, não aunto  
 mas Erópeo essa cigarra canta o tempo todo,  
 Erópeo ~~dois~~ <sup>dois</sup> ~~você~~ já leu que eu escrevi? Ela vai  
 morrer. Você tem certeza? disse a formiga  
 se quiza sabe mas leia o livro. Lá entre de  
 a a cigarra subiu no pé de pereiro e começou  
 a cantar, ai porai um cara de binturão  
 de DUS e esse cara falou: Que voz linda maravil-  
 hosa. E a formiga fez um contrato milionar-  
 io e a formiga em sabe disse ficou ainda  
 mas estorada e foi requamar com o Erópeo  
 e desculpou-se com o Erópeo: me desculpa eu sempre  
 ar casa vai da meu feita e eu seguindo a fazer  
 la

Figura 54 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

Trabalho retoma Santos, Switz, 1501

A cigarra, a formiga e o esopo

A formiga, avia levado os restos de lavoura, para a formigueira, e estava muito cansada, e foi recda com o esopo

— Não aguenta mais, esopo disse a formiga — Enquanto canta conta o tempo todo enquanto trabalha.

O esopo perguntou

— Já leu o que eu escrevi, a cigarra vai morrer de frio no inverno!

— Tem certeza

— Esta na moral da história, se quiser saber mais leia o livro.

No outro dia a cigarra saiu no pessegueiro, olhou pra lá olhou pra cá e começou a cantar. nesse momento passou um apresentador de rádio

— Que belíssima canto!

A cigarra fez um teste e foi aprovada, e assinou um contrato milionário

ao saber disso ficou irritada, e foi atrás do esopo.

Ele desculpou:

— sinto muito, nem sempre as coisas acontecem como minha previsão

Nem sempre devemos confiar muito em moral (Sergio Capparelli)

Figura 55 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

A cigarra, a formiga e o Escorpião

A formiga havia carregado a resto de um bezerro para a formigulita estava muito cansada e foi reclamar com o escorpião

- Não aguento mais escorpião! Essa cigarra canta o tempo todo inquietando eu trabalho. - disse a formiga - Escorpião perguntou

- Já deu aquele eu escorpião? a cigarra vai morrer no inverno.

- Tem certeza - disse a formiga -

- Você tá na mural da tabuleta formiga se quiser saber mais e se ler o livro

No outro dia a cigarra subiu em uma árvore alba pra ler o livro pra ler e começo a cantar nesse momento passou por lá um homem da imprensa de disco ele exclamou

- Que belíssimo canto que vez maravilhoso

a cigarra fez um teste de música ela assinou um contrato milionário e depois disso a formiga se irritou muito e foi procurar o escorpião ele se desculpar.

- Eu sinto muito que aconteceu nem sempre as coisas acontecem igual a. Sergio Cappelli

Figura 56 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

TÍTULO: A CIGARRA A FORMIGA E O ESOPHO SERGIA  
 A FORMIGA ESTAVA CARREGANDO RESTOS DE  
 UM BISCOITO ESTAVA MUITO CANSADA FOI QUE  
 XARRO AO CLAMOR DO ESOPHO  
 — NÃO AGUENTO MAIS ESOPHO — DISSE  
 A CIGARRA — ESSA CIGARRA ME CANTA O TEMPO  
 TODO!  
 O ESOPHO PERGUNTOU  
 — JÁ LEU O QUE EU JÁ LI?  
 ESSA CIGARRA VAI MORRER NO INVERNO  
 — TEM CERTEZA DISSE A FORMIGA  
 — ESTA NA MORAL DA FÁBULA SE  
 QUISER SABER LEIA O LIVRO  
 NO OUTRO DIA A CIGARRA SUBIU EM CIMA  
 DO PESSEGUIRO OLHOU PRO LADO OLHOU PRO  
 OUTRO E SOLTOU A VOZ, NESSE MOM  
 ENTO PASSAVA POR AÍ UM INDUSTRIA DE DISCOS  
 — QUE VOZ! LINDA! QUE  
 — A CIGARRA FEZ UM TESTE  
 DE MÚSICA E ELA FOI APROVADA E ASSINOU  
 UM CONTRATO PARA UM MILIONÁRIO  
 AO SABER-SE SE IRRITOU-SE E FOI ATRÁS DO  
 ESOPHO  
 E ELE DESCOULOU-SE  
 — SINTO MUITO PELO ACOM-  
 TELIADO NEM SEMPRE DEVE CONFIAR EM  
 SUAS PREVISÕES  
 NÃO SE DEVE CONFIAR

Júrgio Capparelli

Figura 57 – Reescrita final  
Fonte – Elaborada pela autora

A cigarra, a formiga e o esopo

A formiga havia carregado os restos de um besouro, ela estava cansada. Foi reclamar a esopo,

- Não aguanta mais esopo! Disse a formiga - Essa cigarra canta o tempo todo enquanto eu trabalho.

Então esopo perguntou:

- Você já leu o meu livro? A cigarra vai morrer de frio!

- Tem certeza? Disse a formiga.

- Está na moral da fábula! Se quiser saber mais leia o livro.

No outro dia a cigarra subiu num peregrino e saiu para lá, para cá e saltou a rua, da estaca passando funcionários da indústria de DVDs, então ele reclamou.

- Que canto lindo, que voz incrível!

Então a cigarra fez um teste e passou, assinou um contrato com uma empresa milionária.

As saber disse, a formiga irritou-se novamente então ela foi com o esopo.

Ele desculpu-se:

- Finto muito pelo acontecido nem tudo acontece segundo a moral da fábula!

Não se pode confiar na moral das fábulas.

Figura 58 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

Surgiu o campo de

A cigarra, a formiga e o Erpo

A formiga havia carregado os  
 restos de um almoço e estava cansado  
 - Foi reclamar a Erpo  
 - Não aguento mais Erpo - disse a  
 formiga da picó contando o tempo todo  
 quanto trabalhava

Erpo perguntou

- Lá tem algum curso a cigarra por  
 morrer de fome

Um curso disse a formiga  
 Esta no final do livro se  
 quiser saber mais le o livro.

No meio a cigarra subiu no  
 pergaminho e saiu de um lado para o  
 outro e começou a cantar e naquele  
 momento passou um homem da  
 fábrica de disco

Ele exclamou - que belíssimo o  
 seu canto sua voz

- A cigarra fez um teste de  
 música e foi aprovada pela  
 concursa milhonária

Com o saber disse ficou muito enfeitado  
 do ao saber disse foi procurar

Ele decidiu:

- sinto muita pena do acontecido  
 mas não posso tudo acontecer com acontecido  
 Não se deve confiar e falar

Figura 59 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

A cigarra, a formiga e o esopo

Sergio Capparelli

A formiga havia ~~parado~~ <sup>parado</sup> restos de bolacha a o formigueira e ficou muito cansada, foi se retirar com Esopo.

- Não aguento mais Esopo ela fica cantando enquanto eu trabalho.

- É a lei que eu falei. A cigarra vai morrer de frio no inverno

- tem certeza.

No outro dia, a cigarra subiu no pessegueiro, olhou pra cá, olhou pra lá e começou a cantar.

Ela falou

- Que belisre que souz maroneilha so.

A fez um teste de musica ela foi aprovada e assinou um contrato milionario.

Co saber disso irritou novamente e foi contar ao Esopo. ele desespontou se.

- Sinto muito pelo que aconteceu, não se deve confiar em moral de falula

Figura 60 – Reescrita final  
 Fonte – Elaborada pela autora

A cigareta, a formiga e o escapo.

A formiga estava carregando um resto de biscoito e estava muito cansada e foi quitada pelo escapo.

— Não aguenta mais escapo! - falou a formiga - esse cigareta comete a dia inteira enfeitando trilhas!

Escapo perguntou:

— Já leu meu livro? a cigareta não mexeu no livro.

— Tem certeza? disse a formiga

— Está na moral da fábula se quiser saber mais leia o livro.

Outro dia a cigareta saiu com um pesquinho e um aratanyz noz, por ele preserva um homem da indústria de discos, ele descobriu

que noz belíssima!

A cigareta fez um teste de canto e foi aprovada e fez um contrato milionário, ao saber disso a formiga se irritou e foi reclamar para escapo, ele se desculpa:

— Sinto muito que aconteceu mesmo sempre as coisas se dão iguais a final de fábula.

Não se deve confiar em moral de fábula.

Sergio Caparelli

Figura 61- Reescrita final  
 Fonte - Elaborada pela autora

02 • 12 • 24

A cigarra, a formiga e a esopa

A formiga estava cansada de carregar vestas de lereira e por isso quisera a esopa:

- Não aguento mais esopa, disse a formiga
- Essa cigarra canta o tempo todo.

A esopa perguntou:

Laí lú meu lereira a cigarra marri na invereira

- Tem cortiga:

- Esta na moral da fábula do lereira formiga se quiser saber mais le mais o lereira

Na outra dia a cigarra subiu no topo de um peregrino e calha pra-la alha proba e começa a cantar nesse momento passa um representante da industria de desca

~ Que belicosa canta que belicosa voz.  
 A cigarra fez um teste de musica e por apresentada assinou um contrato milionario e ganhou muita dinheiro

La saber disso a formiga ficou irritada e por falar com esopa

Sinto muito pelo que aconteceu nem tudo nas moral da fábula

Nem sempre creditar muita em fábula.

Sergio Capparelli

nomi Isabella Alves Rante

Figura 62- Reescrita final  
 Fonte - Elaborada pela autora

A cigareta, a formiga e a Erapa

Sergio Cappanelli

A formiga havia carregado os restos de um biscoito para a formigueira e estava comendo. Foi se queixar ao Erapafé.

- Não aguenta mais Erapafé - disse a formiga - Essa cigareta fica cantando o tempo todo.

Erapafé perguntou: <sup>na lição</sup>

- Já leu o que escreveu? - A cigareta mordeu de feio no momento.

- Sem certeza disse

- Já leu a moral da história.

No outro dia, a cigareta subiu no topo de uma cerejeira alhant para lá para cá para lá e começou a cantar.

Nesse momento a indústria de discos que estava passando disse:

- Que voz linda, maravilhosa.

A cigareta fez um contrato de milhões de reais.

Quando disse a formiga se irritou e foi falar com Erapafé:

- Me desculpe nem sempre minhas previsões estão certas.

Não se pode confiar em moral de histórias.

So.